

NÃO SE CASE

... sem uma boa preparação
Use os melhores livros de apoio

**PARA OS AGENTES
DA PREPARAÇÃO AO CASAMENTO**

O assunto é
Casamento

PARA OS QUE SE CASAM

Amor e
Casamento

**PEDIDOS À LIVRARIA DO MFC
RUA ESPÍRITO SANTO, 1059/714
30160-922 BELO HORIZONTE - MG
TEL. (0**31) 273-8842**

fato
e razão

45

A bondade
é discreta
Censura
e censura

Espiritualidade
e política

Não ligue
assim tão sério

Cheiro de povo
Doema

e silêncio
Permanecem

unidos
Movimento
Familiar

Cristão



Os nomes da criança
Cristovam Buarque dá nomes às
formas de exclusão. PAG 4

Avareza

Rubem Alves mostra a que leva a
adoração do dinheiro. PAG 8

Censura & censura

Helio e Selma Amorim apontam a
diferença. PAG 10

A possibilidade das impossibilidades

Maria José Pereira mostra novo
modo de tratar o alcoolismo. PAG 14

O espírito capitalista

Frei Betto afirma a tendência ao
egoísmo nesse sistema. PAG 18

Cheiro de Povo

H. Amorim orienta o partido que
quer ter cheiro de povo. PAG 26

Genoma & responsabilidade ética

Olinto Pegoraro fala dos aspectos
éticos da pesquisa. PAG 38

Vocação para a liberdade

Pe. Marcelo Barros trata do tema
da Aids e preservativos. PAG 44

Criança, um brinquedo erótico

Frei Betto desoculta o que está
acontecendo. PAG 46

A bondade é discreta

Selma Amorim destaca exemplos
de prática da bondade. PAG 50

Saber viver, saber morrer

Frei Betto aborda com lucidez o
tema da morte. PAG 52

O diálogo entre Igrejas e religiões

Pe. Marcial Maçaneiro faz uma
análise clara e objetiva. PAG 54

Credo social para o novo milênio

Frei Carlos Josaphat propõe um
credo para os nossos dias. PAG 58

O segredo da vida e a força da ternura

Pe. Marcelo Barros propõe
organizarmos a esperança. PAG 62

Somos complementares

Pe. Lambert afirma a igualdade na
diversidade. PAG 65

fato & razão

45

Edição MFC

Movimento Familiar Cristão

Conselho Diretor Nacional

Luiz Carlos e Ra Martins
José Maurício e Marly Guedes
Sebastiana Leão
José Geraldo e M. Carmo Silva
Valverde e Rosa de Barros
José Newton e Ariadna Ribeiro
Simeão e Hilda Santana
Aldemiro e Aláides Cláudio
Maria Inês Conti Victor
Antonio e Eliane Goulart
Maria Carolina Ragone Martins
Jesuliana Nascimento Ulysses
Helen Nascimento Ulysses

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBRAF
Instituto Brasileiro da Família

Capa

Escultura – Casa do Pontal
Museu de Arte Popular
Rio de Janeiro

Distribuição e
Correspondência

Livraria do MFC
Rua Espírito Santo, 1059 / 714
Tel. (031) 3273-8842
30160-922 Belo Horizonte – MG

Data desta edição:
Fevereiro 2001.

Sumário

Os excluídos, 2
Os nomes da criança, 4
Cristovam Buarque
Avareza, 8
Rubem Alves
Censura & censura, 10
Helio e Selma Amorim
A possibilidade das impossibilidades, 14
Maria José Figueira Pereira
O espírito capitalista, 18
Frei Betto
O preço do presente, 21
Entrevista: Leonardo Boff, 22
Poema & silêncio, 25
Beatriz Reis
Cheiro de Povo, 26
Helio Amorim
Bagagem do trem, 30
Frei Estêvão Nunes
Não fique assim tão sério, 32
O ecumenismo, 34
Diocese de Parthenia
Jesus e as festas do seu povo, 36
Pedro L. Vasconcellos, Rafael R. Silva
Genoma & responsabilidade ética, 38
Olinto A. Pegoraro
Nota sobre Aids e camisinha, 42
Vocação para a liberdade, 44
Marcelo Barros
A criança é um brinquedo erótico, 46
Frei Betto
A foto, o fato, a razão, 49
A bondade é discreta, 50
Selma Amorim
Saber viver, saber morrer, 52
Frei Betto
O diálogo entre Igrejas e religiões, 54
Pe. Marcial Maçaneiro
Credo social para o novo milênio, 58
Frei Carlos Josaphat
O segredo da vida e a força da ternura, 62
Marcelo Barros
Você acredita em coincidências? 64
Somos complementares, 65
Pe. Lambert
A alma, 67
Catecismo Parthenia
Chaplin, 69
Fiquem unidos, 70
Pedro L. Vasconcellos, Rafael R. Silva
Quem é o assassino? 73
Ensina-nos a rezar, 74
Frei Carlos Mesters
Alimentos para combater o mau humor, 76
MFC – Identidade e carisma, 78

Os excluídos

Nações Unidas revelam que mais de um bilhão de pessoas vivem em absoluta pobreza: dos seis bilhões de pessoas que constituem a população mundial, 1,2 bilhões vivem em pobreza absoluta, 150 milhões estão desempregados, 800 milhões não têm acesso a serviços de saúde e 850 milhões são analfabetos.

Editorial

Os números assustadores constam de um comunicado da Organização das Nações Unidas que acaba de ser divulgado em Genebra, poucos dias antes do início da Assembléia extraordinária consagrada ao desenvolvimento social realizada naquela cidade. Àqueles dados, há ainda a acrescentar 33 milhões de pessoas infectadas pelo HIV/AIDS e 850 milhões analfabetas. Esta é, segundo a ONU, a constatação social que é preciso estabelecer agora, cinco anos depois dos representantes de 186 governantes, dos quais 117 chefes de Estado, terem adotado em Copenhague, na primeira cúpula mundial sobre desenvolvimento social, dez compromissos, que se articularam em torno de três eixos prioritários: eliminação da pobreza,

criação de empregos e integração social. Os aspectos anti-sociais da globalização, ilustrados pelo fato de as três pessoas mais ricas do mundo terem fortuna superior ao Produto Nacional Bruto combinado de todos os países menos desenvolvidos e dos seus 600 milhões de habitantes, mostram bem a urgência de iniciativas sociais atualizadas. A complexidade das respostas a adotar exige uma diversificação de fontes de solução e uma multiplicação de parcerias já que se trata de conciliar políticas sociais, econômicas e de emprego. A Assembléia Geral deseja o diálogo com as Organizações Não Governamentais (ONG), os representantes dos meios empresariais, parlamentares, religiosos assim como com outros importantes atores da sociedade

civil. Por seu lado, a Suíça decidiu convocar paralelamente à sessão extraordinária da ONU o Fórum Genebra 2000, que deverá permitir suscitar a reflexão no seio da sociedade civil. Novas idéias e iniciativas estão previstas para a sessão extraordinária da ONU, de forma a dar seguimento a cada um dos 10 compromissos assumidos em Copenhague. O primeiro tem a ver com a criação de um ambiente econômico, político, social, cultural e legal que permita alcançar o desenvolvimento social.

Os números, segundo os quais os países membros da OCDE, que representam 19 por cento da população mundial, detêm 71 por cento do comércio mundial de bens e de serviços, conduziram os governos a propor medidas que visam facilitar o acesso dos países em desenvolvimento e daqueles com uma economia de transição ao mercado internacional. As propostas contemplam a redução dos obstáculos tarifários, não tarifários e outras medidas protecionistas. Os governos fixaram, como um dos objetivos, a redução da extrema pobreza para metade até 2015. A deterioração no domínio do emprego já levou a Organização Internacional do Trabalho (OIT) a afirmar que "a segurança no emprego é hoje um privilégio reservado a uma minoria, em todas as sociedades". No que

toca ao acesso universal e equitativo a um ensino de qualidade e aos cuidados de saúde primária, o debate assenta na necessidade de incluir uma referência ao Fórum Mundial sobre Educação, realizado em Dacar, em Abril, e que fixou como objetivo fazer com que, até 2015, todas as crianças tenham acesso a uma educação primária gratuita e obrigatória. Entre 100 e 150 milhões de crianças estão hoje afastadas do sistema escolar.

"A primeira condição para ser alguma coisa é não querer ser tudo ao mesmo tempo". (Tristão de Athayde).

Os nomes da criança

Cristovam Buarque*

Para um habitante de cidade brasileira, todas as árvores de uma floresta são apenas mato, sem distinção entre elas. Os habitantes dos desertos, ao contrário, têm nomes diferentes para se referir à areia. Da mesma forma, os esquimós têm diversos nomes para indicar aquilo que, para nós, é apenas neve.

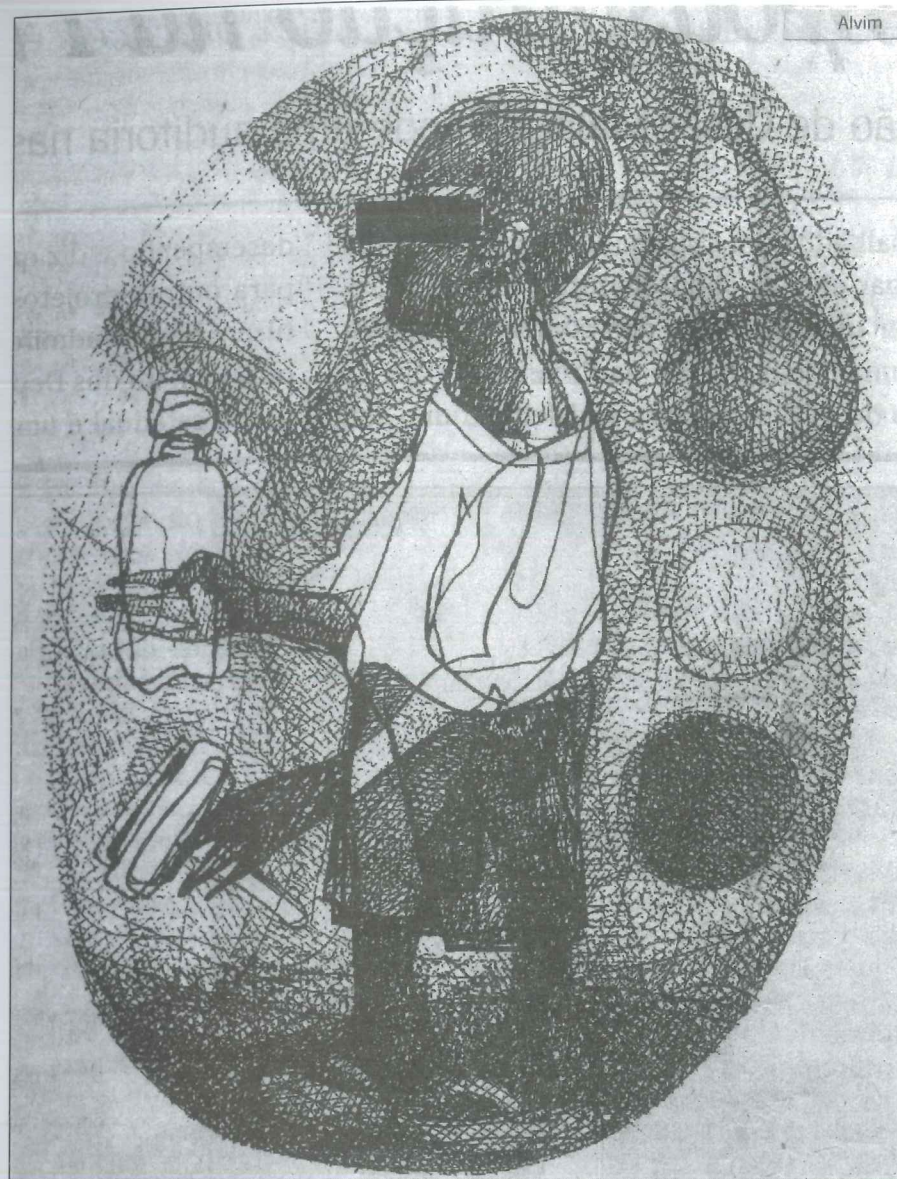
Cada povo desenvolve sua cultura, com palavras distintas, para diferenciar as sutilezas do seu ao-redor, como forma de sobreviver mais facilmente e usufruir esteticamente. A riqueza de uma cultura se mede pelo número de palavras usadas para definir o meio ao redor. Quanto mais palavras distinguindo as coisas, em detalhes imperceptíveis para os demais, mais rica é a cultura.

Os brasileiros urbanos também desenvolveram, em sua cultura, nomes diferentes para dizer o que entre outros povos teria um nome apenas: criança.

Em suas cidades, os brasileiros do começo do século XXI

têm muitas maneiras para dizer criança com sutis diferenças manifestas em cada palavra. É a riqueza cultural, manifesta num rico vocabulário, que mostra a degradação moral de uma sociedade que trata suas crianças como se não fossem apenas crianças. O português falado no Brasil é certamente o mais rico e o mais imoral dos idiomas do mundo atual, no que se refere à definição de criança.

Menino-na-rua significa aquele que fica na rua em lugar de estar na escola, em casa, brincando ou estudando, mas que, à noite, em geral, tem uma casa para onde ir. Ao vê-lo, um habitante de uma



A cultura brasileira, medida pela riqueza de seu vocabulário, enriqueceu perversamente ao aumentar a quantidade de palavras que indicam criança.

das nossas cidades grandes faz logo a diferença com as demais crianças que ali estão apenas passeando. Diferencia até, sutilmente, dos **meninos-de-rua** – aqueles que não apenas estão na rua, moram nela, sem uma casa para onde voltar.

Flanelinha é aquele que, nos estacionamentos ou nas esquinas, dribla os carros dos ricos com um frasco de água numa mão e um pedaço de pano noutra, na tarefa de convencer o motorista a dar-lhe uma esmola em troca da rápida limpeza no pára-brisa do veículo. É diferente do **esquineiro** que, no lugar de oferecer o serviço de limpeza, pede esmolas apenas. Ou do **menino-de-água-na-boca**, pobre criança que carrega pequenas caixas de chocolates, tentando vendê-los, sem direito a sentir o gosto do que carrega para os outros e existe aos milhares no Brasil.

Prostituta-infantil já seria um genérico maldito para uma cultura que retrata. Como se não bastasse, ela tem suas sutis diferenças. Pode ser **bezerrinha**, **ninfeta-de-praia**, **menina-da-noite**, **menino** ou **menina-de-programa** ou **michê**, conforme o local onde faz ponto e o gosto sexual do freguês que atende. E existe – vergonha das vergonhas – a expressão **menina-paraguaí** para indicar a criança que se prostitui por apenas R\$ 1,99, o mesmo preço das bugigangas que a globalização trouxe em contrabandos, quase sempre, daquele país. Ou **menina-boneca**,

de tão jovem quando começa a se prostituir, ou porque seu primeiro pagamento sirva para comprar a boneca que nunca ganhou de presente.

Delinqüente, infrator, avião, pivete, trombadinha, menor, pixote. Sete nomes para o conjunto das relações de nossas crianças com o crime. Cada qual com sua maldita sutileza, de acordo com o artigo do Código Penal em que é enquadrado, com a maneira de abordar suas vítimas ou com o crime ao qual se dedica.

Pode também, no lugar de criança, ser **boy, engraxate, menino-do-lixo, reciclador-infantil**, conforme o trabalho que faz.

Ainda tem **filho-da-safra**, para indicar criança deixada para trás por pais que emigram todos os anos em busca de trabalho, nos lugares onde há empregos para bóias-frias. Nome que indica, também, a riqueza cultural do sutil vocabulário da maldita realidade social brasileira. Ainda o **pagão-civil**, que vive sem o registro que lhe indique a cidadania de sua curta passagem pelo mundo. Em um país que lhe nega, não só o nome de criança, mas também a existência legal.

Como resumo de todos estes tristes verbetes, há também **criança-triste**, como um verbo adicional. Não pela tristeza de um brinquedo quebrado, de uma palmada ou reprimenda recebida, nem da perda de um ente querido. No Brasil há um tipo de criança que não apenas fica ou está triste:

criança que nasce e vive triste. Cujo primeiro choro mais parece um lamento do futuro que ainda não prevê do que a inspiração do ar em que vai viver, que por primeira vez recebe em seus diminutos pulmões.

Criança-triste como substantivo e não adjetivo, como estado permanente de vida – esta talvez seja a maior das vergonhas no vocabulário da realidade social brasileira. Tal e qual a maior vergonha da realidade política está na falta de tristeza nos corações de nossas autoridades diante da tristeza das crianças brasileiras, com as sutis diversidades de suas posições sociais, refletidas no vocabulário que indica os nomes da criança.

A sociedade brasileira, em sua maldita apartação, foi obrigada a criar palavras que distinguem cada criança conforme sua classe, sua função e sua casta. A cultura brasileira, medida pela riqueza de seu vocabulário, enriqueceu perversamente ao aumentar a quantidade de palavras que indicam criança. Um dia, esta cultura vai se enriquecer criando

nomes para os presidentes, governadores, prefeitos, políticos em geral que não sofrem, não ficam tristes, não percebem a vergonhosa tragédia de nosso vocabulário, nem ao menos se lembram das crianças-tristes do Brasil.

Quem sabe será preciso que um dia chegue ao Governo uma das crianças-tristes de hoje, para que o Brasil faça arcaicas as palavras que hoje enriquecem o triste vocabulário brasileiro, construindo um dicionário onde criança seja apenas criança, sem nomes diferentes, como para o poeta, uma rosa é uma rosa.

**Cristovão Buarque é professor da UnB e presidente da Missão Criança. Transcrito de O Globo – 25/09/00*

Leia e assine **Rede**

UMA ANÁLISE MENSAL DA CONJUNTURA POLÍTICA, ECONÔMICA, SOCIAL E ECLESIAL, NACIONAL E INTERNACIONAL.

Basta telefonar para a Rede de Cristãos das Classes Médias para receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Assinatura anual R\$ 15,00 - Tel (24) 242-6433

Avareza

Maldade do Espírito: levou Jesus ao deserto para ser testado pelo Demônio. Os Demônios tentam para testar. A tentação é o processo pelo qual somos submetidos ao controle de qualidade. Pela tentação ficamos sabendo de que somos feitos.

A tentação só acontece no lugar onde mora o desejo. Ninguém é tentado a comer tijolos. Porque ninguém deseja comer tijolos. É preciso que haja desejo para que a tentação aconteça. O Demônio começou o seu teste pelo desejo mais inocente, mais natural. Jesus estava com fome depois de jejuar quarenta dias. Queria comer.

Rubem Alves*

Com certeza estava tendo visões de pães. O Demônio sugere: "Um pequeno milagre vai resolver tudo. Você tem poder. É só falar e as pedras se transformarão em pães." Deus conveniente esse, à nossa disposição, para atender aos nossos desejos. Mas o Deus de Jesus não era assim. Ele não pode ser invocado para nos livrar dos apertos. "Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus...", respondeu Jesus. O Demônio percebeu que aquele não era o lugar. Mudou-se para o lugar onde mora os desejos mais sutis. Os piores pecados não são os da carne; são os do espírito. "Imagine-se na torre do templo. Lá embaixo a multidão gritando: 'Pula! Pula!' Aí você pula. Mas então o inesperado acontece: os anjos vêm e o carregam pelos ares! Será o triunfo, a consagração. Todos acreditarão em você e o seguirão!" Jesus responde que não se deve testar Deus para a realização dos

nossos desejos. Aí o Demônio lança mão do mais profundo desejo que existe na alma humana: o poder! Leva Jesus a um alto monte e lhe mostra todos os reinos do mundo e suas riquezas e lhe diz: "Tudo isso lhe darei se prostrado me adorares!" Quem tem dinheiro tem todas as coisas. O dinheiro é o deus do mundo. O Vinícius inicia o seu poema "O Operário em Construção" citando esse texto do evangelho. O operário do alto do monte, tentado pelas riquezas. Porque o fascínio pelo dinheiro não mora apenas no coração dos ricos. Mora também no coração dos pobres.

Avarenta é a pessoa que adora o dinheiro. Mas esqueça as imagens comuns do avarento - o pão-duro, o unha-de-fome, o mesquinho, que só pensa em juntar dinheiro e contabiliza centavos, privando-se, para isso, dos prazeres da vida. Esse avarento é um coitado. Faz mal a

pouca gente. Ele é o maior prejudicado. Da sua companhia todos fogem. É ridículo. Avareza não é isso. É uma qualidade espiritual. O avarento é uma pessoa que só vê as coisas e pessoas através do dinheiro. Todos os seus sentidos estéticos e éticos foram destruídos. Beleza, ternura, amor, honestidade, justiça - essas coisas não entra em sua contabilidade. Ele só faz uma pergunta: "Dá lucro?" E porque seu coração e sua cabeça são movidos por essa pergunta ele se torna um especialista na arte de ganhar dinheiro.

Por que o avarento entrega seu amor por dinheiro? Porque ele sabe que o dinheiro é um deus que tem poderes para operar as mais fantásticas transformações. O que se segue são comentários de Marx e textos de Goethe e Shakespeare. "Eu sou feio, mas posso comprar a mulher mais bonita para mim mesmo.

Consequentemente eu não sou feio, porque o efeito da feiúra, o seu poder para repelir, é anulado pelo dinheiro. Como indivíduo sou aleijado, mas o dinheiro me dá vinte e quatro pernas. Portanto eu não sou aleijado. Eu sou um homem detestável, sem honra, sem escrúpulos e estúpido, mas o dinheiro é objeto de adoração universal e portanto eu, que tenho dinheiro sou admirado. Sou curto de inteligência, mas desde que o dinheiro é o espírito de todas as coisas, como poderia aquele que



possui não ser inteligente? Eu, que pelo poder do dinheiro, posso possuir tudo aquilo que o coração humano deseja, não sou possuidor também de todas as virtudes humanas".

Pense as misérias do Brasil. Elas não foram produzidas pela ira, pela preguiça, pela inveja, pela gula, pela arrogância, pela luxúria. Esses demônios são fracos. Elas são produzidas pela avareza. As delícias da riqueza tornam qualquer corrupção aceitável. Pense nas tragédias do mundo: as mortandades entre tribos miseráveis na África, os genocídios acontecidos na defunta Iugoslávia. Esse sofrimento foi produzido pelo uso de armas pensadas com cabeças científicas, fabricadas com cabeças técnicas, vendidas pelo amor ao lucro. Mas quem é movido pela avareza não sabe o que é o sofrimento dos outros. Perdeu a capacidade de sentir com o coração. Só sente com os números da riqueza.

** Psicanalista, escritor, poeta.
Extraído do Correio Popular, 15/11/2000*

Censura & "censura"

Não dá para confundir. Todos temos horror à censura político-ideológica que conhecemos na noite da ditadura militar. Mas estabelecer horários adequados para programas de TV que abusam de temas inconvenientes para crianças ou adolescentes é medida lícita e de outra natureza. Mesmo que a isto se dê o mesmo nome, não é a mesma coisa.

Helio e Selma Amorim*

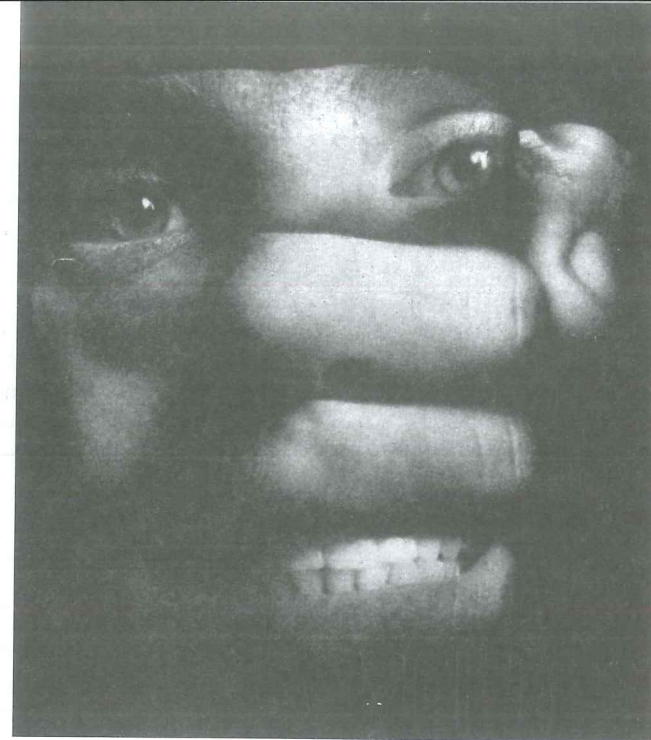
A censura que nos horroriza é a que levou a prisões ilegais e empastelamentos de redações de jornais. Foi a mordida aplicada nos que ousaram discordar e protestar contra a supressão da liberdade, a agressão aos direitos humanos, a tortura, os desaparecimentos e "suicídios" nos porões da ditadura.

Quem viveu esses tempos de medo se recorda dos espaços brancos dos jornais, marcando a

supressão de matérias censuradas. Contra essa censura, seguiremos bradando: "Nunca mais!"

A outra "censura" é a proteção absolutamente necessária ao desenvolvimento equilibrado da criança e do adolescente. Chegarão à idade em que saberão discernir por si mesmos entre mensagens construtivas e desagregadoras, entre comportamentos socialmente humanizadores e desvios de

A violência é banalizada na TV alimentando e exacerbando tendências à agressividade em crianças e adolescentes problemáticos ou hipersensíveis a influências externas sobre seu comportamento.



comportamento geradores de violência e alienação. Trata-se de um lento aprendizado que deve respeitar as etapas naturais do desenvolvimento da criança e construção de sua personalidade.

Ora, pela TV, essas mensagens invadem as casas e encontram uma audiência cativa, que varia com o horário. Durante o dia e até certa hora da noite, os adultos, pais ou responsáveis pelas crianças e adolescentes da casa, estão geralmente fora, no trabalho, na escola. É absolutamente impossível impedir que a TV seja ligada em sua ausência. Seria inútil e estúpido tentar, até porque há muita coisa boa e educativa que nos chega pela telinha, naturalmente. Nesse período de tempo de provável ausência dos

adultos em casa, é impositivo um controle da programação. Os pais têm o direito de criar condições propícias para que seus filhos desenvolvam personalidades sadias. Um filme que expõe e banaliza a extrema violência, uma novela que exalta subliminarmente desvios de comportamento como se fossem naturais, ou programas que desrespeitam a dignidade de pessoas exibidas em situações ridículas em palcos de auditório... essas e outras mensagens podem bater na criança ou adolescente de maneiras distintas. Em umas, nada acontece. Nasceram com anti-corpos psicológicos que as impedem de absorver o que não convém. Em outras, mais sensíveis e impressionáveis, o impacto será desastroso. Especialmente se

repetido todos os dias e transformado em hábito de audiência. Sem perceber, o desvio de comportamento vai sendo aceito como normalidade, a violência banalizada se incorpora à cultura, a sexualidade humana vai-se esvaziando de seu conteúdo afetivo e humanizador, o uso de drogas vai até adquirindo certo charme, ainda que não exaltado nos enredos dos filmes e novelas... em suma, temos aí boa parte da programação da TV como indutora de uma cultura distorcida que termina em manchetes das seções policiais dos jornais: comportamentos violentos, predatórios e anti-sociais, gangs de jovens em todas as classes sociais, estupros e violência sexual. E a tentação à experiência das drogas tantas vezes resultando em dependência sem volta.

Por tudo isso, justifica-se a classificação dos programas por horários. Um filme violento que o filho assiste ao lado dos pais, um pouco mais tarde, porque já chegaram e jantaram, pode ser um recurso para a educação.

Um comentário dos pais ou um pequeno diálogo, podem bastar para neutralizar efeitos negativos, despertar a consciência crítica e levar a uma assimilação construtiva

das mensagens exibidas. Nem sempre os pais saberão manejar essa oportunidade, é verdade, mas pelo menos haverá uma chance de interferir no momento do impacto.

Uma recente tentativa de intervenção do Juizado da Infância e Adolescência no Rio de Janeiro provocou uma fortíssima reação de repúdio à "censura". Reação claramente orquestrada pela poderosa emissora, naturalmente. O juiz mexeu em vespeiro, regulado por contratos milionários. A mobilização do exército de atores "globais", de indiscutível prestígio popular, deu um respaldo exagerado a um simples deslocamento de horário de uma novela de qualidade discutível e indiscutível conteúdo deseducativo. Além disso, o juiz, responsável pela saúde física e psíquica das crianças, proibiu que elas atuassem como atores nessa mesma novela, já que o trabalho infantil é de fato proibido, sem autorização especial do juiz. No caso a autorização não seria concedida porque a trama da novela não é adequada ao estágio de maturidade daqueles meninos e meninas. E os horários e duração das filmagens, as repetições exaustivas de tomadas de cenas e outras inconveniências denunciadas também desaconselhariam a licença para o trabalho infantil.

Foi um escândalo! Agressão à dramaturgia brasileira, supressão de emprego para crianças que assim voltarão a vender chicletes nas esquinas, e um amplo rol de acusações do tipo "retorno à censura da ditadura militar".

Cutucar a Globo é extremamente perigoso, aprendeu o juiz. Mas deu resultado. Já se reuniram os diretores das TVs para retomar a discussão da famosa embora desmoralizada "auto-regulamentação" das emissoras, que somente se submetem aos números do Ibope. E para não mudar horários e mexer nos ricos contratos dos patrocinadores comerciais, parece que os produtores preferiram o menos traumático: melhorar um pouco a qualidade e controlar o nível de baixaria da programação.

Provavelmente, isto vai durar pouco. A solução esperada há anos é a criação do Conselho de Comunicação Social, como manda a Constituição de 1988 (Art. 224), mas até hoje impedida, pelas pressões dos que não querem interferências ou limites ao poder de criar ou destruir valores e culturas segundo seus exclusivos interesses comerciais. Um poder que, como se sabe, é também e principalmente político, capaz de decidir eleições e impedir mudanças que afetem aqueles interesses.

É preciso então discernir entre censura e "censura". E desmentir a afirmação terrorista de que uma leva à outra. Não é verdade.

** Editores de Fato e Razão.*

- Este tema é polêmico. O que pensamos sobre esse tipo de "censura"?
- Nos Estados Unidos está tomando corpo uma campanha: "uma noite sem TV". É a oportunidade de reunião familiar para conversar, jogar cartas, conviver... com a TV desligada. Será que dá certo?

Audiência discute sobre criança em novela de TV

Na Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal, o juiz Siro Darlan informou que nos últimos dois anos a Rede Globo de Televisão recebeu 107 autos de infração por violar direitos garantidos no Estatuto da Criança e do Adolescente. A audiência pública teve como objetivo discutir os limites éticos e da censura dos meios de comunicação. Darlan informou que a participação de crianças depende de autorização prévia do Juizado o que nunca foi pedido pela TV Globo. Laudos de psicólogos mostram abusos, como a repetição da mesma cena 19 vezes na novela Laços de Família: o choro de desespero da criança pelas repetições exaustivas foi filmado e aproveitado como elemento de cena de briga entre o casal protagonista. Numa cena de casamento, as crianças tiveram que permanecer na filmagem das 6 da tarde às 3 da manhã. O deputado Marcos Rolim, presidente da Comissão, afirmou: "Criança não pode trabalhar, a não ser como aprendiz. É a lei e ponto." O deputado Fernando Gabeira é contra. Propõe "que as próprias famílias criem seus mecanismos para controlar a programação e que o Estado não pode intervir na relação entre pais e filhos".

Seguir princípios e normas se "mostra" como aquela "dose" adequada, para vivermos em sociedade. Vários recursos reguladores se ordenam em nossa rotina diária.

As ameaças de desintegração da civilização são detectadas e os limites se impõem, assim como o controle é exercido através de diferentes episódios e comportamentos, tais como as identificações, os "mandamentos", as intoxicações, ...

(Freud, "Mal-estar na civilização")

A possibilidade das impossibilidades

Uma forma de tratar o alcoolismo

Maria José Figueira Pereira*

Os comportamentos que podem de alguma forma serem associadas à hostilidade e à agressividade são vistos como ameaça e que, sendo assim, é capaz de armar ou acionar as

barreiras que irão impedir o prosseguimento de qualquer ação ameaçadora.

"Ama a teus inimigos", "ama teu próximo" e, mais "ama teu próximo como a ti mesmo".



Mandamentos que se contrapõem a "o Homem é o lobo do homem".

A agressividade - o lobo - é primária e faz parte da "natureza" do homem. Entretanto, um sentimento de culpa se apodera do sujeito por sentir-se mau, ou de fazer algo mau, aquilo que é reconhecido como repreensível e que não deve ser feito - contrário aos mandamentos; ele passa a buscar (uma das maneiras) na intoxicação o "caminho possível" e, coloca para dentro (into), aquilo que é mau (tóxico).

Ao consumir o álcool, o sujeito coloca dentro de si, algo que o faz "sumir". O senso comum costuma relacionar de modo imediato os perigos do álcool aos acidentes de trânsito. Não está errado. Além de estar "por trás de

vários outros tipos de morte, com as quais nunca se faz uma associação mais direta, os atropelamentos, afogamentos, suicídios" (*Revista Veja* - dez/98).

A agressividade desta forma se volta para dentro do próprio sujeito e, o beber passa a servir como instrumento que faz desaparecer o próprio corpo.

É um fenômeno encobridor do desejo na medida em que aparece somente a bebida. O corpo passa por uma situação de fraqueza, prejuízos, limitações das possibilidades físicas e até invalidez: ser um doente. A doença instalada é sentida como uma falta, uma deficiência, uma diminuição que apesar de existirem anteriormente, só agora são percebidas. O sujeito serve-se da

droga para encobrir a sua "falta" ou a sua incompletude e, ao definir-se "Sou um alcóolatra", ele encobre seu sintoma. O que aparece é a droga, o beber e estar sob o efeito da bebida. O que ele mostra e faz não o faria sem a bebida:

"Ele é outra pessoa quando bebe"

"Quando fazem ou dizem alguma coisa que não gosto, abaixo a cabeça; e isto, acontece quando estou normal... mas, quando bebo, falo tudo; pode ser até depois de muito tempo. Se tenho razão, porque estou bêbado, eu perco..."

Com a bebida afasta-se da pressão da realidade e encontra refúgio no mundo mágico da droga. Afastando-se da realidade o sujeito atende ao controle e à submissão desejados pela "sociedade". Este mecanismo evidencia "um nada querer saber" e uma tranquilidade que é sustentada pelo poder sedativo da droga.

Chamou-nos a atenção uma abordagem sobre o álcool em reportagem intitulada "A dose

certa", que adotava como subtítulo o seguinte: "Para alguns, o álcool é veneno puro. Para outros, remédio. A solução é encontrar a quantidade exata que vai servir a você. É nunca passar do limite". (*Superinteressante* - fev/2000).

Ultrapassar ou não o limite se torna uma questão de difícil percepção e controle, quando o beber é uma proposta prazerosa, aliviadora, pelo menos no momento em que serve como única alternativa possível para o isolamento, sofrimento e solidão. Depois de alguns "goles", reconhecer o momento limite fica prejudicado. E emitir uma resposta de como parar, mais difícil ainda.

Entretanto, existe um pedido de ajuda, por mais tênue que seja, para que alguém possa minimizar as consequências adversas do consumo de álcool, sem que se objetive primariamente a abolição do consumo. É este pedido que escutamos do sujeito ao propormos a criação de um Grupo Terapêutico (GT) na instituição de que fazemos parte. Não propomos uma "Guerra às drogas" mas, o acolhimento de um pedido e a consideração de formas de tratamento, sem o autoritarismo comum em várias estratégias. Acreditamos que o amadurecimento do sujeito quanto à doença (alcoolismo) acontece durante o tratamento e, para isso, visamos a possibilitar a existência de condições de re-significação do próprio sujeito, a formação de auto-crítica, da maior percepção de si mesmo como sujeito capaz,

criativo e com possibilidades mas também com impossibilidades.

Impossibilidades traduzidas pelas possibilidades das diversidades, das inquietudes, das dificuldades, das "falhas" que não são eliminadas num "passe de mágica" como propõe a droga. Pelo contrário: aprender a estar de frente para elas e de uma forma subjetiva encontrar o caminho melhor constitui o desafio.

Não repetir o movimento de cultivar a passividade, o fatalismo e os determinismos - biológico, social, filosófico - passa

a ser o movimento do Grupo Terapêutico, mesmo que os chamativos sejam fortes.

Do tratamento todos esperam, como da droga, uma mágica solucionadora. O desafio é possibilitar ao sujeito o comprometimento e a implicação em cada passo, porque, caso contrário...

*"Se a saudade apertar,
afogo as mágoas na
mesa de um bar..."*

** Psicóloga do DASS/PJF*

- *Como ajudar as pessoas que sofrem o problema do alcoolismo na família? Qual a orientação que podemos dar?*
- *Há serviços ou organizações que se ocupam desse problema em nossa cidade? Quais? Como poderíamos cooperar?*

Frases...

"Bom de briga é aquele que cai fora". Adoniran Barbosa, compositor.

"A força é o mais desagradável instrumento de corda". Barão de Itararé, humorista.

"Os homens mentiriam menos se as mulheres fizessem menos perguntas". Max Nunes, humorista, radialista.

"Os ingleses conquistaram o mundo porque não suportavam mais a própria cozinha". Citação francesa, naturalmente...

"Nunca confie numa mulher que diz a sua verdadeira idade. Se ela diz isso, é capaz de dizer qualquer coisa". Oscar Wilde.

O ESPÍRITO CAPITALISTA

Frei Betto*

O sistema capitalista, que deita raízes na quebra da sociedade feudal e no advento da manufatura, alavancou-se com a revolução industrial, no século 19. Expandiu-se, acelerou a pesquisa científica e o progresso técnico.

Aumentou a produção e agravou a desigualdade na distribuição de bens. De seu ventre contraditório surgiu o socialismo, que aprimorou a distribuição sem conseguir desenvolver a produção. A onda neoliberal derrubou o socialismo europeu qual castelo de areia.

Hoje, o capitalismo é vitorioso para as nações da União Européia e da América do Norte (excluindo o México). No resto do mundo, deixa um lastro de miséria e pobreza, conflitos e mortes, salvando-se as elites que, em seus respectivos países, gerenciam os negócios segundo o velho receituário colonial, agora prescrito pelo FMI: tudo para o benefício da metrópole.

Em plena globocolonização, o capitalismo é também vitorioso em corações e mentes. Mas não em

todos. Há ricos, remediados e pobres que não têm espírito capitalista. São pessoas generosas, altruístas, capazes de se debruçar perante o sofrimento alheio e de estender a mão em solidariedade a causas coletivas.

A tendência do espírito capitalista é aguçar o egoísmo; dilatar ambições de consumo; ativar energias narcísicas; tornar-nos competitivos e sedentos de lucro. Criar pessoas menos solidárias, mais insensíveis às questões sociais, indiferentes à miséria, alheias ao drama de índios e negros, distantes de iniciativas que visam a defender os direitos dos pobres.

Aos poucos, o espírito capitalista molda em nós esse estranho ser que aceita, sem dor, a desigualdade social; assume a cultura da glamourização do fútil; diverte-se com entretenimentos que exaltam a violência, banalizam a pornografia e ridicularizam pobres e mulheres, como são exemplos certos programas de humor na TV.

O capitalismo promove tamanha inversão de valores em nossa consciência que defeitos qualificados pelo cristianismo de "pecados capitais" são tidos como virtudes: a avareza, o orgulho, a luxúria, a inveja e a cobiça.

O capitalismo é irmão gêmeo do individualismo. Ao exaltar como valores a competição, a riqueza pessoal, o acúmulo de posses, interioriza em nós ambições que nos afastam do esforço coletivo de conquista de direitos para nos mergulhar na ilusão pessoal de que, um dia, também galgaremos, como alpinistas sociais, o pico da fortuna e do sucesso.

A magia capitalista dissolve, pelo calor de sua sedução, todo conceito gregário, como nação ou povo. O que há são indivíduos atomizados, premiados pela loteria

biológica por não terem nascido entre os pobres ou pela roda da fortuna, que os fez ascender miraculosamente para o universo em que os sofrimentos morais são camuflados sob o brilho da opulência.

O espírito capitalista não faz distinção de classe: inocula-se no favelado e na empregada doméstica, no camponês e no motorista de táxi. E induz ricos, remediados e pobres à apropriação privada, não apenas de bens materiais, mas também de bens simbólicos: oro para alívio dos meus problemas e a cura de minhas doenças; voto no candidato que melhor corresponde às minhas ambições; adoto um comportamento que realça a minha figura e o meu prestígio.

Esse espectro de ser humano não conhece a cooperação e a gratuidade; considera a generosidade uma humilhação; encara a pobreza insubmissa como caso de polícia; faz da função de mando uma segunda pele; trata os subalternos com desdém. O mundo centra-se em seu umbigo. Ainda que não tape as orelhas ao ouvir falar em "amor ao próximo", do outro ele se faz próximo quando estão em jogo seus interesses. Mas prefere distância se o outro sofre, decai socialmente ou mergulha em fracasso. Seu espelho é o da bruxa que indaga: "Há alguém tão bem-sucedido quanto eu?" Se a resposta for positiva, então quer conhecê-lo, adulá-lo, idolatrá-lo, como a um ícone religioso do qual se esperam graças e proveitos.

Capitalista não é apenas o banqueiro, o Tio Patinhas. É também o Donald, que se submete a seus caprichos. O mundo é, para ele, um jogo de espelhos, no qual se vê projetado nas mais variadas dimensões. Ele inveja os que estão acima dele e nutre ódio por quem o ameaça como concorrente. Quando se faz religioso, é para ganhar o Céu, já que a Terra lhe pertence. Dá esmolas, mas não direitos; acende velas, nunca esperanças; prega a mudança de coração, não da sociedade; é capaz de reconhecer Cristo na eucaristia, jamais no rosto de quem padece fome, do sem-terra ou sem-teto.

Horroriza-nos pensar que, outrora, a sociedade praticou o canibalismo. Quiçá alimentar-se com a carne do semelhante, em vez de entregá-la ao repasto dos vermes, seja mais saudável e ético do que, hoje, excluí-lo do direito de ser, simplesmente, humano.

Frei Betto, dominicano, escritor, é autor de Cotidiano e Mistério (Olho D'Água), entre outros livros. (O Estado de São Paulo).

- Estaremos mesmo contaminados pelo espírito capitalista?
- A competição comanda nossa vida? Ou o consumismo?
- Estamos conseguindo vivenciar e transmitir aos nossos filhos os valores cristãos da gratuidade, da austeridade, da solidariedade, cooperação e partilha?

Não é a mesma coisa...

Um cirurgião levou seu carro para o concerto. Ficou esperando. O mecânico ligou o motor, viu logo qual era o problema, desligou a máquina e começou a desmontar e trocar as peças defeituosas. Terminado o trabalho, disse orgulhoso: "Fiz a cirurgia, doutor. O mesmo que o senhor faz com seus clientes..." O médico respondeu: "Eu queria era ver você fazer o que fez com o motor ligado.



O preço do presente

O homem por detrás do balcão olhava a rua de forma distraída. Uma garotinha se aproximou da loja e amassou o narizinho contra o vidro da vitrine.

Os olhos da cor do céu, brilhavam quando viu a jóia. Ela entrou na loja e pediu para ver o colar de turquesa azul.

- É para minha irmã. Pode fazer um pacote bem bonito?

O dono da loja olhou desconfiado para a garotinha e lhe perguntou:

- Quanto dinheiro você tem?

Sem hesitar, ela tirou do bolso da saia um lenço todo amarradinho e foi desfazendo os nós. Colocou-o sobre o balcão e feliz, disse:

- Isso dá?

Eram apenas algumas moedas que ela exibia orgulhosa.

- Sabe, quero dar este presente para minha irmã mais velha. Desde que morreu nossa mãe ela cuida da gente e não tem tempo para ela. É aniversário dela e tenho certeza que ficará feliz com o colar que é da cor de seus olhos.

O homem foi para o interior da loja, colocou o colar em um

estojo, embrulhou com um vistoso papel vermelho e fez um laço caprichado com uma fita verde.

- Tome! Leve com cuidado!, disse para a garota.

Ela saiu feliz saltitando pela rua abaixo. Ainda não acabara o dia quando uma linda jovem de cabelos loiros e maravilhosos olhos azuis entrou na loja.

Colocou sobre o balcão o embrulho desfeito e indagou:

- Este colar foi comprado aqui?

- Sim senhora.

- E quanto custou?

- Ah! falou o dono da loja. O preço de qualquer produto da minha loja é sempre um assunto confidencial entre o vendedor e o cliente.

A moça continuou:

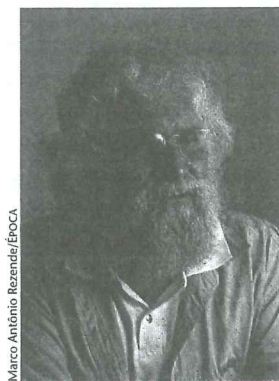
- Mas minha irmã tinha somente algumas moedas! O colar é verdadeiro, não é? Ela não teria dinheiro para pagá-lo!

O homem tomou o estojo, refez o embrulho com extremo carinho, colocou a fita e o devolveu à jovem.

- Ela pagou o preço mais alto que qualquer pessoa pode pagar. Deu tudo o que tinha.

O silêncio encheu a pequena loja e duas lágrimas rolaram pela face emocionada da jovem enquanto suas mãos tomavam o pequeno embrulho.

O Vaticano reagiu às teses de Leonardo Boff. Seu livro *Igreja, Carisma e Poder*, escrito em 1984, foi censurado num traumático processo movido pela Congregação para a Doutrina da Fé, o antigo Santo Ofício. O frade franciscano foi condenado a se calar. Decepcionado, resolveu "elevar-se ao estado leigo", como diz. Hoje, casado, adaptou-se a essa nova condição de vida. Fora do alcance do Vaticano, continua defendendo as mesmas idéias que o condenaram ao silêncio obsequioso. Recorda e admira Giordano Bruno, o pensador italiano (1548-1600) que foi perseguido pela Inquisição por defender idéias como a existência de vários sistemas solares. Negou rever seus conceitos e foi queimado. Transcrevemos algumas idéias de Boff, reafirmadas em recente entrevista à revista *Época*.



Marco Antônio Rezende/Época

A entrevista de Leonardo Boff

ÉPOCA: O senhor diz que o tempo provou que sua tese sobre o ecumenismo era a correta. Mas a Igreja, por meio do cardeal Joseph Ratzinger, reafirma o postulado de que o catolicismo é a única religião legítima. As divergências continuam?

Boff: O cardeal Joseph Ratzinger deveria ser afastado do cargo que ocupa. Ele scandalizou os cristãos e ofendeu os pobres ao condenar o ecumenismo e vetar a maior participação das mulheres nas decisões da Igreja. O problema é que o Vaticano não sabe para onde mandá-lo. A Igreja alemã não o quer na Alemanha. O melhor lugar para o cardeal seria uma abadia trapista, daquelas bem rigorosas, com muitos jejuns e penitências, preparando-o para o Grande Encontro. Que os pobres, nossos juizes, o tenham em sua misericórdia.

ÉPOCA: O senhor vai à missa?

Boff: Sou um cristão indignado, mas piedoso. Sinto grande saudade da missa solene que rezava todos os domingos com o coro dos Canarinhos de Petrópolis, não raro em latim e sempre com muito incenso. Nas comunidades de base, e entre cristãos emigrados da instituição, mas não do Evangelho, continuo a celebrar, batizar, casar e enterrar os mortos. O último amigo que enterrei, a pedido dele próprio, foi Darcy Ribeiro.

ÉPOCA: O casamento atrapalha a vida do sacerdote?

Boff: O celibato atrapalha muito mais que o casamento. O matrimônio faz o padre mais sensível aos problemas dos outros, porque os vive na própria pele. Ao celibatário é imposto um modo de ser que o torna distante do mundo real. Isso só se presta a uma Igreja que não quer dividir poder com ninguém, nem com mulher, filhos e família.

ÉPOCA: O senhor é favorável à ordenação de mulheres para o sacerdócio?

Boff: Toda teologia séria, hoje, diz que não há objeção à ordenação de mulheres. A objeção é ideológica. O patriarcalismo da hierarquia católica quer uma sociedade de homens para manter privilégios injustamente acumulados ao longo da História.

ÉPOCA: Como o senhor reage ao veto da Igreja Católica ao uso de preservativos?

Boff: Considero uma irresponsabilidade e uma inimizade com a vida. Mas não me surpreendo. Em fóruns internacionais, o Vaticano sempre vota questões relacionadas à família e à sexualidade ao lado das piores companhias: os xiitas, os fundamentalistas, os reacionários.

ÉPOCA: Os templos estão mais cheios em todo o mundo. O senhor acredita que a espiritualidade esteja em alta?

Boff: Há uma volta do místico e do religioso. Há também a miséria generalizada, que provoca fuga para o Além. Se não podemos contar com mais ninguém neste mundo, podemos, pelo menos,

contar com Deus. A religião é o refúgio dos condenados à impotência social. Mas não é tão-somente o ópio do povo. Ela se torna um fator de libertação quando o fiel percebe que Deus não quer a fome e a miséria.

Época: *O ecumenismo é o caminho para a paz entre os povos? Ele pode fazer frente ao fundamentalismo?*

Boff: As religiões fazem guerra. As espiritualidades trazem paz. Vejo uma única saída para a paz religiosa: que as religiões se auto-superem. Na espiritualidade, todas as religiões se encontram em harmonia. Quando tentam se expressar nos códigos culturais, surgem então as guerras religiosas.

ÉPOCA: *O senhor tem esperança de ver a paz vigorar no Oriente Médio?*

Boff: Nenhuma. Lá estão as três religiões mais belicosas da História da humanidade: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Enquanto não se derem conta de que todos na Terra somos o povo escolhido de Deus, a guerra continuará. Até o Juízo Final.

ÉPOCA: *O que o senhor pensa do Movimento de Renovação Carismática, com seus pastores de multidões?*

Boff: Isso significa um novo paradigma religioso. É um

movimento no qual a experiência possui mais centralidade que a doutrina. A espontaneidade prevalece sobre a rigidez. Dentro da Igreja, os carismáticos representam a quebra do monopólio que padres e bispos tinham sobre a palavra e os ritos. Nesse sentido, é bom. Por outro lado, pelo fato de se assentar mais sobre a emoção, o movimento se presta facilmente a entrar no mercado do entretenimento para multidões. É o caso dos padres da mídia, com seus shows-missas. Devido à lógica da mídia, eles apenas conseguem apresentar um cristianismo anêmico e superficial, feito de alegria e parques apelos à justiça e à transformação social. Vira um entusiasmo de bobo alegre.

ÉPOCA: *O senhor se sente, hoje, mais próximo ou mais distante de Deus?*

Boff: Eu o sinto próximo e dentro de mim. Depois que Deus se fez homem no judeu Jesus, descobrimos que somos também Deus por participação. A maioria dos cristãos não tem consciência disso. E a Igreja quase nunca prega esta verdade.

Trechos de entrevista a Cilene Guedes e Marceu Vieira, para a revista Época.

"Não me envergonha confessar que não sei o que ignoro". (Cícero)
"Nada é tão lamentável como antecipar desgraças". (Sêneca)
"Há pessoas silenciosas muito mais interessantes que os melhores oradores". (Disraeli)

poema & silêncio

Beatriz Reis

No alto deste monte, todos esperamos
sondamos o horizonte,
apuramos os ouvidos.

O vento nascente varre a terra!
Ei-lo que vem, pensamos.
Mas tu não chegaste.

Os céus se iluminaram.
A terra tremeu! Será ele?
Ainda desta vez não chegaste.
Pensamos que fossem teus passos
ressoando no caos do universo!
Voltou o silêncio e a apreensão.

Assentamo-nos no solo,
como meninos abandonados,
e enquanto dormíamos,
no silêncio chorou uma criança
e despertou a humanidade.
De pé, nós envelhecidos queríamos
novamente amar!

Chegaste no silêncio e na sombra
e sempre permaneces conosco

Emanuel
tão dentro de nós
que te esquecemos,
e de novo sondamos os horizontes,
escutando o vento,
ouvindo os trovões,
vislumbrando as estrelas,

esquecendo o silêncio que é teu cortejo,

olvidando a sombra que te envolve
a sombra que te faz descer à terra
como orvalho sobre a relva
como luz sobre as trevas.

O presidente quer que o seu partido tenha cheiro de povo. Como? A repórter esperta foi logo perguntar a algumas das principais figuras masculinas do partido se usam perfume. Quase todos usam. As marcas são as mais sofisticadas: Yssey Miake, Yves Saint Laurent, Dolce & Gabanna...

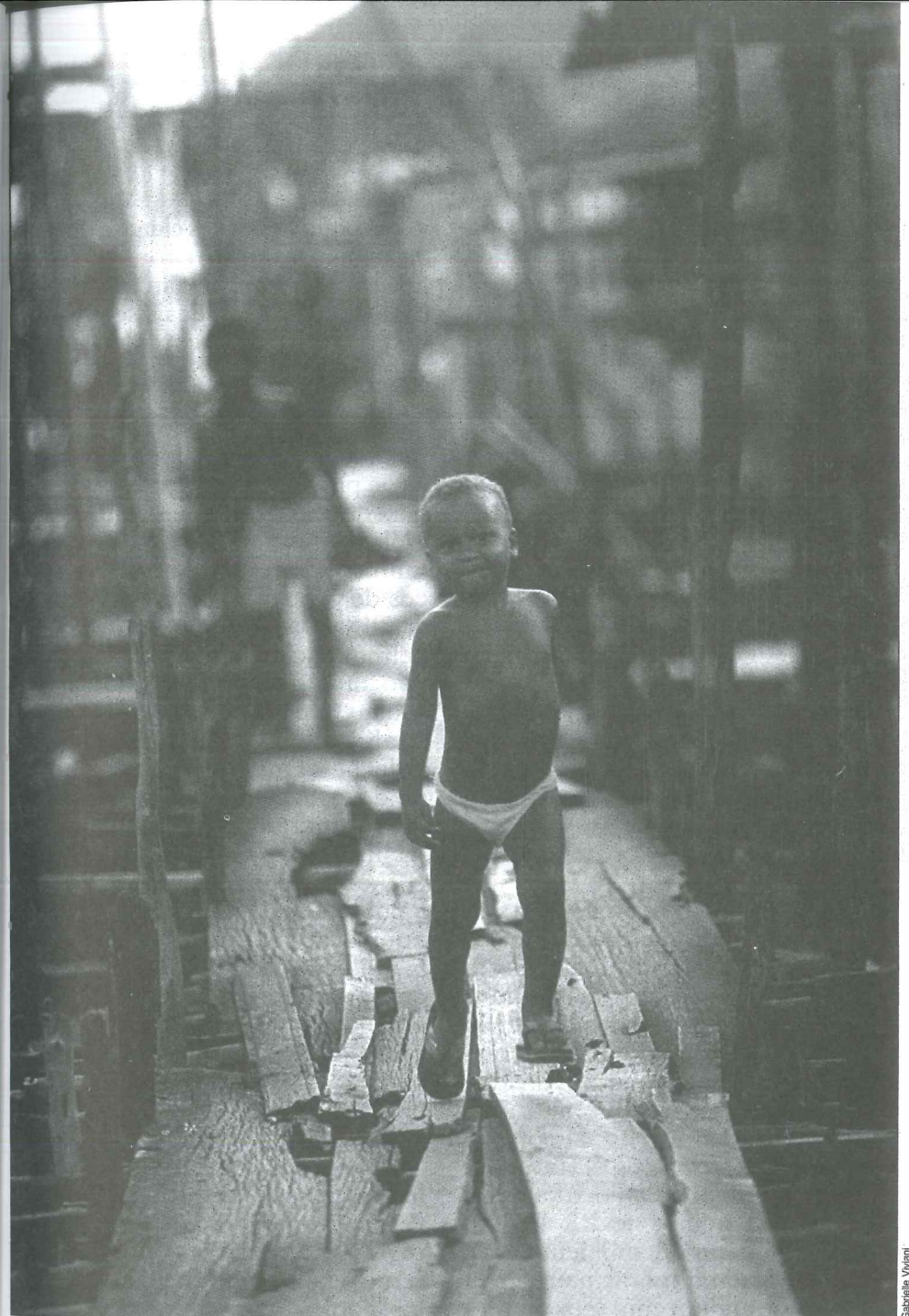
Cheiro de povo

Helio e Selma Amorim*

Um partido assim perfumado terá muita dificuldade de atender ao desafio do presidente. Pode até mudar. Mas esse cheiro de povo não se compra nas perfumarias de luxo. É um perfume desconhecido para quem não se tem preocupado em senti-lo. Porque antes de o partido ter cheiro de povo é preciso sentir em suas privilegiadas narinas esse cheiro, ausente do ar condicionado dos gabinetes políticos.

Há um requisito preliminar: é preciso gostar do povo, especialmente daquela gigantesca e mais sofrida parcela rotulada de "povão", com certo desprezo disfarçado. Daqueles que vivem nas periferias miseráveis das grandes cidades, nas favelas, nas franjas dos lixões, nos sertões castigados pela seca e pela fome, nos acampamentos dos sem-terra, dos sem-teto, dos sem-esperança. Esses cenários não são bonitos nem cheiram bem. Podem provocar crises de depressão em políticos de gabinetes ou estrelas de badalados encontros políticos de cúpulas internacionais.

Não serviriam visitas burocráticas das lideranças partidárias a esses espaços dos pobres, se programadas por assessores especializados em preparar o cenário para evitar choques psicológicos traumáticos. De fato, quem usa perfume francês pode entrar em crise aguda em



O cenário não é dos melhores e não cheira bem. Pode chocar narinas delicadas.

confronto despreparado com a miséria. O cheiro de povo pode intoxicar o incauto. Ora, sem essa presença física prolongada, sem esse habitual contato vivo e sensorial das suas lideranças com o povo lascado para sentir seu cheiro, um partido jamais vai amar esse povo e portanto jamais vai ter cheiro de povo.

Ao contrário, se esse contato pessoal se tornasse uma prática política não-eleitoreira ou populista mas de aprendizagem e sensibilização social, um partido poderia se converter e mudar radicalmente seus rumos e propostas. Poderia até partir em busca de um novo modelo de país. Adotaria uma austeridade radical. Não essa cega e fria austeridade fiscal e puramente econômica e monetária, imposta pelos FMI's da vida, mas um modelo político e econômico que privilegiasse verdadeiramente os investimentos sociais diretos. Que impedisse o criminoso desperdício do dinheiro público, por exemplo, em construções suntuosas para tribunais e órgãos de governo, alugueis milionários de embaixadas para uma ostentação típica de países subdesenvolvidos, ou a compra de sucatas inúteis, como o porta-aviões francês, os novos caças a jato já incorporados à frota e os aviões usados que a Bélgica está tentando empurrar pela goela do Brasil.

Se a mão que deve assinar esses cheques fosse a de quem se habituou a sentir o cheiro do povo, e sabe quantos brasileiros excluídos

podem ser resgatados pelo preço milionário de um porta-aviões de segunda mão, é bem provável que o cheque não fosse assinado. O cheiro de povo, ao contrário do perfume atualmente preferido pelas lideranças do partido, seria um inibidor de assinaturas em certo tipo de cheques.

Tendo começado a sentir o cheiro antes desconhecido, começando a gostar do povo sofrido, sensibilizado por sua miséria que desumaniza, adotando a austeridade que se expressa no desvio de dinheiro das suntuosidades inúteis para o atendimento das necessidades básicas dos mais carentes, através de programas eficazes e protegidos da praga da corrupção, o partido do presidente estaria preparado para o passo que poderá levá-lo a ter cheiro de povo.

**É o passo mais desafiador:
tomar o partido dos
excluídos, quando se
organizam para lutar por
seus direitos e aspirações.
Nos confrontos que
crescem entre os pobres e
ricos, o partido ficaria do
lado dos primeiros.**

Estando no poder, usaria sempre a máquina estatal e seus procuradores em defesa do lado mais fraco, manejando habilmente

a lei e seus artifícios em seu favor, como espertamente o fazem os caros advogados dos poderosos, dos donos de terras frequentemente grileiros ou empresários que armam arapucas ou exploram seus empregados. Esse partido não reclamaria das formas incômodas de manifestações do povo lascado. Compreenderia que esses movimentos ruidosos e às vezes agressivos são a única arma de luta disponível para quem jamais terá do seu lado a mídia poderosa que, ao contrário, os demoniza.

Esse é o partido em que o povo encontraria seu lugar, levando para ele o seu cheiro, agora desejado pelo presidente. Ele está certamente influenciado pela guinada nos discursos do FMI e do Banco Mundial. As práticas irão confirmar ou não essa virada.

Mas o fato é que o presidente ouviu, de viva voz, esses discursos. No final da tumultuada reunião de Praga, em setembro de 2000,

Stanley Fischer, do FMI disse que **"tanto o FMI como o Banco Mundial encontraram seu novo papel: estarão agora atuando bem mais próximos das pessoas nos países em desenvolvimento, ouvindo suas queixas, procurando melhorar seu padrão de vida"**.

O presidente do Banco, James Wolfensohn, arrematou:

"É preciso ouvirmos a voz do povo, a voz dos pobres, dar a eles a oportunidade de participar, ouvir a sua opinião, analisar suas reivindicações".

Foi até criado um novo slogan pelo Banco Mundial:

"Nosso sonho é um mundo livre da pobreza".

Quem diria!

A submissão do nosso governo àqueles organismos resulta em iguais guinadas nos discursos internos. Deve ser a explicação do súbito e ardente desejo presidencial. "O partido tem que ter cheiro de povo"... Quem sabe?

Para melhor transmitir a fé aos nossos filhos Descomplicando a fé

Helio Amorim

Editora Paulus

128 páginas - R\$ 10,00.

Pedidos à Livraria do MFC

Rua Espírito Santo, 1059 / 714 - 30160-922 Belo Horizonte - MG

Tel. (031) 273-8842

À venda no MFC e nas LIVRARIAS PAULUS da sua cidade

Um recado para os jovens

Bagagem do trem

Frei Estêvão Nunes,

□

Sempre gostei de comparar a vida humana a uma viagem de trem. Um trem que vem viajando há milhares de anos, e cujos passageiros vão se revezando constantemente.

Quando eu embarquei, havia tantos passageiros que hoje não estão mais aí (meus pais por exemplo), e tantos outros que agora estão viajando comigo não estavam ainda.

Tenho certeza absoluta só de duas coisas: eu embarquei um dia (que eu sei qual foi), e vou desembarcar outro dia (que não sei quando será). Tanta bagagem nova foi colocada aí dentro, depois que embarquei, coisas boas e ruins, e que os passageiros de então nem sonhavam pudesse existir (televisão, internet, viagem à lua, foguetes interplanetários, etc.).

Vocês, jovens, entraram há bem menos tempo do que nós, e estão encontrando nessa viagem companheiros que não escolheram (seus pais por exemplo), e muita bagagem que também não foram vocês que colocaram, fomos nós os nascidos primeiro. Bagagem boa e

ruim que jogamos em cima de vocês, eu sei disso. Mas a viagem é essa, não há jeito de trocar.

Ora, todos queremos uma viagem gostosa, tranquila, alegre, não é verdade? E todos queremos também chegar ao destino certo, não é? E de quem vai depender tudo isso? Não é de cada um dos passageiros? Portanto, se você fica aí emburrado no seu canto, sem se comunicar, ou bagunçando dentro do vagão com um grupinho de arruaceiros, ou sujando o chão e rabiscando os bancos e as paredes, de quem é a culpa pela má qualidade da viagem? De seus pais por acaso? E se você só fica esperando que os outros façam a faxina em nosso trem e você não faz nada, como reclamar?

Meu amigo, você ainda não descobriu o potencial tremendo de mudanças que tem em suas mãos. Ficar lamentando e jogando a culpa nos outros não resolve nada. Vamos, pegue o boi pelo chifre, se você deseja realmente um mundo melhor, para você mesmo e para seus futuros filhos. A bagagem que você encontrou não é das

melhores. Por que não ajuda a limpar?

E' claro que sozinho você não pode quase nada, mas por que então não se une a seus companheiros de viagem? Jovem por natureza é alegre e comunicativo; se for generoso e prestativo, tanta coisa pode mudar! E a viagem vai ser uma delícia. Depende de você.

- *Os jovens que você conhece têm consciência do seu potencial transformador da sociedade? Estão envolvidos em alguma atividade social ou política?*
- *Há movimentos ou organizações na cidade capazes de atrair os jovens para ações em favor da justiça e da melhoria da qualidade de vida da população?*
- *O que podemos fazer para um maior engajamento social dos jovens na nossa cidade?*

O barbeiro

Um homem foi ao barbeiro. E enquanto tinha seus cabelos cortados conversava com ele. Falava da vida e de Deus.

Dai a pouco, o barbeiro incrédulo não agüentou e falou:

- Deixa disso, meu caro, Deus não existe!

- Por quê você tem tanta certeza?

- Ora, se Deus existisse não haveria tantos miseráveis, passando fome! Olhe em volta e veja quanta tristeza. É só andar pelas ruas e enxergar!

- Bem, esta é a sua maneira de pensar, então?

- Sim, claro!

O freguês pagou o corte e foi saindo, quando avistou um mendigo com longos e feios cabelos, barba crescida, desgrehada.

Teve uma inspiração, deu meia volta e interpelou o barbeiro:

- Sabe de uma coisa? Não acredito em barbeiros!

- Como?

- Sim. Se existissem barbeiros, não haveria pessoas de cabelos e barbas compridas!

- Ora, eles estão assim porque querem. Se desejassem encontrar um barbeiro viriam até mim! Quer dizer...

- Ah, sim! Agora, você entendeu...

Não fique assim
tão sério...

Emprego na Microsoft

Um homem que estava desempregado, entra num concurso da Microsoft para ser faxineiro. O Gerente de RH o entrevista, faz um teste (varrer o chão) e lhe diz: "O serviço é seu"; me dê o seu e-mail e eu lhe enviarei a ficha para preencher, e a data e hora em que deverá se apresentar para o serviço. O homem, desesperado, responde que não tem computador e muito menos um e-mail.

O Gerente de RH, disse que lamenta, mas se não tiver e-mail, quer dizer que virtualmente não existe, e como não existe não pode ter o trabalho.

O homem sai, desesperado, sem saber o que fazer; tem somente 10 reais no bolso. Então decide ir ao supermercado e comprar uma caixa de 10 quilos de tomates. Bate de porta em porta vendendo os tomates a quilo, e em menos de duas horas tinha conseguido duplicar o capital.

Repete a operação mais três vezes e volta para casa com 60 reais. Então, ele verifica que pode sobreviver dessa maneira. Sai de casa cada dia mais cedo e volta

para casa mais tarde. Assim triplica ou quadruplica o dinheiro a cada dia. Pouco tempo depois, compra uma Kombi. Logo troca por um caminhão. Pouco tempo depois chega a ter uma pequena frota de veículos para distribuição.

Passados 5 anos, o homem é dono de uma das maiores distribuidoras de alimentos dos Estados Unidos. Pensando no futuro da sua família, decide fazer um seguro de vida. Chama um corretor, acerta um plano e quando a conversa acaba, o corretor lhe pede o e-mail para enviar a proposta. O homem diz que não tem e-mail. Curioso, o corretor lhe disse: "Você não tem e-mail e chegou a construir este império. Imagine o que você seria se tivesse um e-mail!"

O homem pensa e responde: "Seria faxineiro da Microsoft"...

Moral da História 1: Se você quer ser faxineiro da Microsoft, procure ter um e-mail na Internet.

Moral da história 2: Se você não tem e-mail e trabalha muito, pode chegar a ser um milionário.

O cavalo

O fiscal do imposto perguntou para o fazendeiro sobre um lançamento no livro caixa. estava escrito: 1 cavalo 400 reais.

"É o preço que você pagou ou o resultado da venda do cavalo?"

O fazendeiro respondeu:

"Não sei. Eu comprei esse diabo por 400 reais. No mesmo dia ele derrubou a estrebaria e me custou 400 reais para consertar. Mas o cavalo me ajudou a tirar o

carro do meu vizinho do atoleiro e ele me pagou 400 reais. Acabei vendendo o bicho por 400 reais mas deu tanta confusão que fui forçado a recomprá-lo por 400 reais. Acabou atropelado e o motorista me indenizou em 400 reais. Mas para tirar a carcaça da estrada tive que pagar 400 reais. Depois disso tudo já não sei se o danado do animal ficou me devendo ou eu a ele."

Incêndio

Uma empresa de São Paulo instalou no prédio um sistema moderno de alarme contra incêndio, com treinamento dos empregados sobre como escapar. Chamou um técnico do Corpo de Bombeiros para o teste. Devia cronometrar o tempo para esvaziar o edifício quando o alarme fosse disparado.

Tocou o alarme, os funcionários dispararam e, em seis minutos estavam todos na rua.

O técnico reuniu o pessoal e apresentou seus cumprimentos pela eficiência e rapidez da fuga de todos para a rua: seis minutos! "Parabéns!" - disse ele, e foi embora.

Às cinco horas soou a sirene de todas as tardes, avisando o fim de expediente. O gerente, por curiosidade, resolveu cronometrar. Em dois minutos e meio o edifício estava vazio!...

Frases

"Comecei uma dieta, cortei a bebida e comidas pesadas. Em catorze dias, perdi duas semanas." *Tim Maia.*

"A arte da profecia é muito difícil, especialmente em relação ao futuro..." *Mark Twain.*

"Não é que eu tenha medo de morrer. É que eu não quero estar lá na hora que isso acontecer." *Woody Allen.*

O ECUMENISMO

O ecumenismo é a busca da unidade entre os cristãos. Este movimento nasceu da tomada de consciência do escândalo que constituíam Igrejas separadas que tinham como referência o mesmo Cristo. Houve encontros nos mesmos lugares onde antes foram lançados anátemas, fundaram-se instituições como o Conselho Ecumênico das Igrejas ou a Semana de oração pela unidade; grupos de especialistas trabalham para reduzir as dificuldades doutrinárias.

Diocese Virtual de Partenia

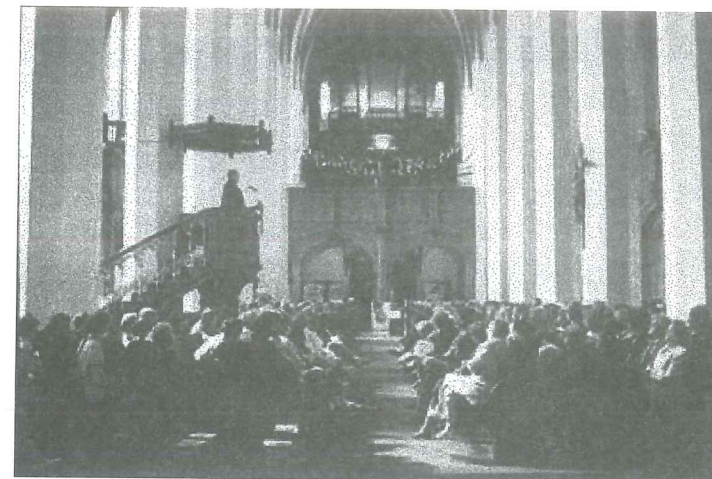
Puderam verificar-se avanços indiscutíveis como a tradução ecumênica da Bíblia ou o Pai Nosso comum. No entanto, o processo caminha muito lentamente, depara com grandes dificuldades e mesmo com autênticos recuos. É verdade que as tentativas de aproximação têm apenas 100 anos e não podem apagar séculos de divisões. Os cristãos da base, pouco a par das razões históricas e doutrinárias das separações, não vêem muito bem as diferenças entre as Igrejas e vivem um ecumenismo de fato.

Esta lentidão e estes recuos devem-se, em parte, à maneira de conceber a verdade. Cada Igreja está evidentemente persuadida de estar na verdade e de ter razões legítimas para pensar o que pensa e para agir como lhe parece que é

melhor. O recurso a justificações consideradas como vindas do próprio Deus, da sua revelação e da sua vontade, torna difícil pôr o que quer que seja em questão.

Pouco a pouco, deixou de se fazer proselitismo e de reunir as Igrejas no seio da Igreja católica. Nas bases, caminha-se mais para a idéia de que cada Igreja possui uma verdade que ajuda a aprofundar a Verdade. Não há maneira de avançar para uma aproximação se a verdade é concebida como um dado preexistente, como uma propriedade. A verdade é possuída ou é, antes, algo a fazer? Não é no diálogo e na comunicação, que exigem uma abertura ao outro de modo a permitir a compreensão

Tornam-se cada vez mais comuns as celebrações ecumênicas e a participação de fiéis de uma religião cristã nas celebrações e cultos de outra religião irmã. O ecumenismo vai irrompendo das bases das igrejas cristãs.



mútua, que pode nascer uma verdade comum?

Se se entra em diálogo, mesmo em debate, é para correr o risco de vir, depois, a pensar de modo diferente. Mas esta concepção está marcada por um certo relativismo da verdade que não agrada às Igrejas seguras de possuir a verdade plena, inteira e definitiva e que reclamam uma precedência relativamente às outras. No entanto, uma concepção da verdade absoluta parece mais perigosa que a da verdade relativa às épocas, às histórias, às concepções do mundo... É em nome do absoluto que se entra em cruzada, e se fica incapaz de compreender a verdade do outro. Aliás a verdade, para um cristão, não é feita de fórmulas dogmáticas: ela é uma pessoa, a pessoa de Cristo que vem de Deus. Ora quem pode abranger a totalidade de uma pessoa, quem pode pretender conhecer o seu mistério, quem pode dominá-la sobretudo quando

se trata de Cristo? Não devemos, antes, permanecer humildes diante desta realidade?

A verdade é um caminho de vida e não um armazém de verdades a acreditar. É persuadidos da nossa incapacidade para dizer e para pensar Deus, mas animados pelo desejo e pela necessidade de nos aproximarmos dele, que poderemos, para lá mesmo do ecumenismo entre cristãos, abrir-nos a um diálogo mais amplo ainda.

Qual a prática de Jesus e como ele se situou neste quadro das manifestações populares de seu tempo?

Jesus e as festas do seu povo

Pedro Lima Vasconcellos* e Rafael Rodrigues da Silva**

Aqui estamos menos preocupados com as chamadas festas religiosas oficiais. Registremos, neste sentido, apenas que o evangelho segundo João distancia Jesus de Jerusalém justamente quando está para ser celebrada a festa da Páscoa (Jo 5-6). E todos os evangelhos concordam em situar a morte de Jesus no contexto dos distúrbios de uma festa da Páscoa ocorrida no tempo em que Pôncio Pilatos era procurador da Judéia. Aliás, o historiador Flávio Josefo salienta bastante que as festas religiosas de então (mas não só!) eram oportunidade propícia para questionamentos e protestos contra a dominação e tirania romanas!

Mas chamaríamos a atenção aqui para um aspecto mais cotidiano da prática de Jesus: assim como em nossas festas populares, na ação do profeta de Nazaré o partilhar bens e alimentos é um elemento marcante. Já falamos nesta coluna várias vezes da prática da "comensalidade aberta" típica do

modo de agir de Jesus, que lhe fez receber os títulos pouco elogiosos de "comilão e bebedor, amigo de publicanos e pecadores" (Mt 11,19). E o texto continua:

"Mas a sabedoria foi justificada por suas obras!"

Pães distribuídos, fome saciada, mesa compartilhada, e isso não excepcionalmente, mas como distintivo fundamental: é festa na certa! Vida devolvida, dignidade resgatada, esperanças renovadas: a prática de Jesus e seus discípulos entrando nas casas das pessoas traz de volta as alegrias e os festejos!

Mas não é possível falar deste tema sem mencionar a festa do vinho novo, o casamento de Caná (Jo 2,1-11). Logo depois desta cena Jesus vai a Jerusalém, por ocasião da Páscoa, e "estraga" a festa (Jo 2,13-22). Mas em Caná a ação é outra. E vale notar: o retorno da alegria naquela festa de um pobre casal vem da ação de Jesus e da preocupação de sua mãe, sim; mas que delícia é notar que os serventes, aqueles de quem não se esperaria nada, eles "sabem" donde vem o vinho, enquanto o "chefe" não sabe nada e não se sujeita a saber de inúteis empregados! Eis apenas o "princípio dos sinais" de Jesus, conforme o evangelho de João!

Nas festas o povo gesta o novo, sempre foi assim. Por isso em boa parte do tempo elas não tiveram reconhecimento, mesmo as festas de cunho religioso.

Basta ver como se davam as festas religiosas no Brasil colonial. Mas há que se ter olhos e ouvidos para ver e ouvir o que se fala e se faz em meio a danças, cantos, convivência e quitutes saboreados...

** Doutorando em Ciências da Religião, assessor do CEBI-SP, professor da PUC-SP, Instituto Teológico Pio XI e Instituto do Sagrado Coração.*

*** Mestre em Ciências da Religião, assessor do CEBI-SP, professor da PUC-SP, Instituto Teológico Pio XI, Instituto do Sagrado Coração e ITESP.*



GENOMA

& responsabilidade ética

Olinto A. Pegoraro*

Foi anunciado o rascunho com a sequência quase completa do genoma humano: o livro que conta o passado de nossa vida, sua situação presente e muitas de suas possibilidades futuras.

Este grandioso acontecimento, anunciado simultaneamente em Washington e Londres, foi apresentado sob três enfoques concêntricos: a dimensão científica, a responsabilidade ética e a significação religiosa. Faremos aqui um breve aceno sobre estes três ângulos.

Primeiramente trata-se de um avanço científico de altíssimo significado, pois diz respeito diretamente ao ser vivente que nós somos: a ciência abriu o livro de nossa composição genética. Poucas décadas atrás, a ciência mergulhou no macrocosmos ao enviar seres humanos à Lua; agora mergulha no microcosmos de nossos genes.

As consequências benéficas deste evento são numerosas, especialmente na área da saúde. Nos próximos anos, muitas doenças poderão ser tratadas previamente, bem antes do aparecimento dos sintomas. Mais ainda, poderão ser desenvolvidos medicamentos personalizados, adaptados aos defeitos genéticos de cada indivíduo. É sabido que hoje muitos medicamentos não produzem o mesmo efeito em todas as pessoas. Então, o anúncio do genoma deve ser saudado como uma vitória da vida de todos os seres humanos.

Mas o triunfo científico traz também novas e graves

preocupações éticas a respeito do uso (e abuso) do genoma. Esta segunda dimensão foi explicitamente invocada por Tony Blair, primeiro ministro britânico. Ele colocou a extraordinária conquista científica sob o signo ético ao afirmar que ela "deve ser usada em benefício de toda a humanidade".

Deste os anos 70, a filosofia trata com especial atenção da relação entre biotecnologia e bioética. Foi o médico Van Potter o primeiro a falar disto no famoso livro "Uma ponte para o futuro". De lá para cá, organizou-se a bioética a partir de quatro princípios: beneficência, não maleficência, autonomia e justiça.

Pela aplicação destes princípios, a biociência deve beneficiar a vida humana; não pode ser usada para fazer mal a ninguém; deve sempre respeitar a autonomia ou o poder de decisão de cada pessoa: todos os seres humanos têm direito (por justiça) de beneficiar-se destes progressos.

O anúncio do rascunho genético humano torna mais urgentes estes princípios e lança a mais profunda pergunta ético-filosófica: quem é o Homem? Seremos somente o nosso código genético? Poderemos "fabricar" o ser humano nos laboratórios? Poderemos dar-nos a "vida-eterna" pela conservação e rejuvenescimento de nossas células? O que é ser pessoa? Quem somos nós?

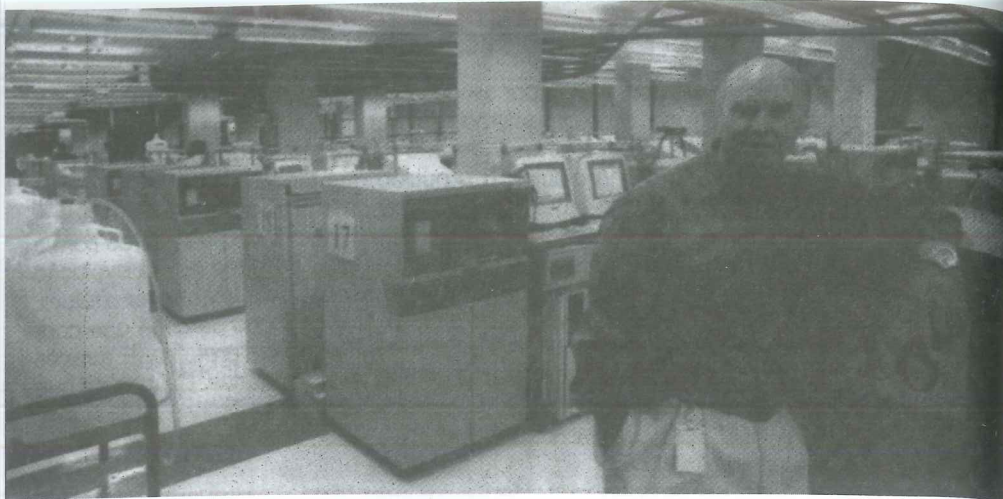
Juntamente com estas perguntas, o rascunho genético

coloca questões morais de grande praticidade quotidiana. Por exemplo, empresas de seguro poderiam ser tentadas a exigir o exame genético e recusar as pessoas com predisposição a desenvolver uma doença incurável. O mesmo poderiam fazer donos de fábricas e indústrias. Casais poderiam ser tentados a abortar embriões e fetos com possibilidade genética de desenvolver após o nascimento na juventude ou na idade adulta uma grave enfermidade. Estas atitudes são todas antiéticas.

Ademais, haverá empresas que pretenderão patentear genes passando a ser proprietárias dos direitos de uso de tal informação. Deste já este é um absurdo tão grande como querer patentear as letras do alfabeto. Os cientistas anunciaram o genoma sob a bela imagem de uma sequência de letras (os genes); ora, ninguém pode apropriar-se das letras do alfabeto, mas será proprietário dos poemas e romances que com elas compuser.

Isto significa que as empresas não podem patentear os genes, mas os medicamentos e técnicas de cura que inventaram a partir deles.

Cabe ainda à ética e bioética defender que a informação genética é propriedade absolutamente sigilosa de cada indivíduo. Para isto será necessário e urgente estabelecer, a partir da concepção ética da vida, normas internacionais específicas de proteção ao uso do genoma em



Craig Venter, o cientista que anunciou ter identificado o genoma humano completo

benefício de toda a Humanidade, sem nenhum tipo de discriminação genética. Enfim, longe de colocar restrições à ciência, a ética se esforça para interpretar positivamente as grandes novidades da tecnociência e integrá-las no contexto humano e de toda a natureza.

O terceiro aspecto presente no anúncio do rascunho genético é o religioso. O presidente Clinton saudou assim o evento: "Hoje nós estamos aprendendo a linguagem usada por Deus para criar a vida; estamos passando a ter cada vez mais respeito pela complexidade, beleza e maravilha do mais sagrado Dom de Deus."

Felizmente, a decifração do genoma já não gera problemas de fé para as três grandes religiões monoteístas: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Dezesesseis séculos atrás (século quarto da Era Cristã) Santo

Agostinho deu uma excelente interpretação ao feito científico de hoje. Diz ele que Deus poderia ter criado todas as coisas num só instante, num só ato (*omnia simul*) e ter colocado no fundo desta realidade inicial todas as potencialidade e virtualidades (*rationes seminales*) que ao longo dos tempos se desenvolveriam em seres vivos sensitivos e inteligentes.

Só agora estamos "lendo" o livro de nossa vida. Não estamos "brincando de Deus", estamos apenas lendo agora o livro que ele publicou há muitos milhões de anos. Fazer ciência não é usurpar direitos divinos.

** Professor de ética na Uerj
Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

Batismo de Sangue

de Frei Betto

Lançado em 1983, vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Memórias, e esgotado desde 1991, volta às livrarias em edição totalmente revista e ampliada o livro que revela os bastidores da luta clandestina contra a ditadura militar, incluindo dossiês Carlos Marighella e Frei Tito.

No prefácio escrito especialmente para esta edição, dom Paulo Evaristo Arns destaca que Batismo de Sangue é "um relato que faz parte da história mais dolorosa que ensangüentou o Brasil e o tornou conhecido em muitas partes do mundo".

Partindo de sua militância política - sem abandonar as práticas religiosas como dominicano -, Frei Betto traça um painel histórico com o surgimento das diferentes correntes políticas de esquerda e suas opções, inclusive a luta armada; mostra a trajetória, ideais, participação na guerrilha, emboscada e morte de Carlos Marighella; o engajamento de freis dominicanos no combate à ditadura; o aparelho repressivo e sua ação devastadora - perseguições, prisões, torturas, desaparecimentos e mortes; as fugas e o exílio; o suplício e a morte de Frei Tito.

Batismo de Sangue apresenta ainda novas revelações sobre o período, detalhes

de operações e fugas, histórias inéditas de Marighella (como o apoio estratégico que recebia de um banqueiro) e um índice remissivo.

Enio Silveira, responsável pelo lançamento do livro em 1983, escreveu na época: "Obra literária de rara e dolorosa beleza, documento humano candente, Batismo de Sangue é - e será para todo o sempre - um livro de cuja literatura e posse não devemos prescindir, pois nos revela a baixa infamante do homem, quando ele é lobo do homem, e nos dá, por igual, a transcendência de que se revestem seus atos quando ele realmente se dispõe a dar de si".

Título: Batismo de Sangue

Autor: Frei Betto

Número de páginas: 336

ISBN: 85-86821-10-1

Preço: 25 reais

EDITORA CASA AMARELA

Rua Fidalga, 162,

CEP 05432-000, São Paulo, SP

Tel.: (11) 3819-0130 / 3819-0639

Fax 24 horas: (11) 870-9318

email: casamarlivros@uol.com.br

site: <http://www.carosamigos.com.br>

ATENÇÃO: GOLPE POR TELEFONE

Quase fui vítima de um golpe de um falso funcionário do banco em que tenho a minha conta. Ele ligou para minha casa, à noite, dizendo que estava fazendo um cadastramento dos clientes do banco. O objetivo disso, além de atualização do cadastro, era explicar o procedimento que o banco estava tomando para devolver 30% do CPMF cobrado em 99, conforme determinação judicial. Ele sabia meu nome completo, RG, CPF, filiação, data de nascimento, número e endereço da agência e número da conta. Então ele solicitou que eu confirmasse o número de meu cartão magnético (e eu, ingenuamente, passei o número). Em seguida, explicou que a ligação seria transferida para o "computador" do bankfone, e depois voltaria para ele. Recebi instruções para digitar a minha senha inteira. Comecei a digitar mas só então desconfiei e desliguei. Liguei para o Banco, e a atendente confirmou que isso era um golpe. Porém não soube explicar como minhas informações foram parar em mãos alheias. Precisei mudar a senha, bloquear meu cartão. Fiz um registro na delegacia de polícia, por precaução, já que meus dados pessoais estão rodando por aí. Fiquem atentos! Nunca forneçam dados pessoais por telefone ou Internet. (Anon.).

A posição da Igreja contra o uso dos preservativos

UMA NOTA CONTRA A AIDS, OUTRA CONTRA A CAMISINHA

Uma vez mais a cúpula da igreja católica brasileira adota uma posição equivocada quanto à prevenção da AIDS. Havia a expectativa de que o encontro "Aids e os desafios para a Igreja no Brasil", realizado recentemente em Itaici, interior de São Paulo, superasse as opiniões mais conservadoras dos dirigentes do catolicismo nesse tema.

Um folheto distribuído no início do encontro e assinado pela Pastoral da Saúde, braço da CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil), dizia que um "comportamento ético e sem vícios" é a melhor prevenção para a

doença, - o que é muito pouco em relação ao que está em jogo -, mas também abria a porta para atitudes menos utópicas. "Se você não aceita esses ideais, ou tem dificuldade de vivê-los, as recomendações da medicina são: evitar o uso comum de seringas, relações sexuais sem preservativo e transfusões sem conhecer a procedência do sangue", dizia o documento.

Mas a presença do monsenhor Lozano Barragan, presidente do Pontifício Conselho da Saúde, vindo de Roma para o conclave, que se manifestou nitidamente contra o uso da camisinha, parece ter forçado uma mudança entre os bispos brasileiros. D. Eugène Rixen, coordenador da Comissão Nacional de DST(Doenças Sexualmente Transmissíveis)/AIDS da Pastoral da Saúde, por exemplo, que no início do encontro admitia que a CNBB se posicionasse a favor da camisinha, para "evitar o mal maior", mudou de idéia.

O documento aprovado ao final do encontro diz apenas que os

participantes, leigos e religiosos católicos respeitam "as orientações que a ciência determina" e "o princípio da vida". E foge da questão central, que é a necessidade de incentivar o uso dos preservativos em larga escala.

E para completar, uma "nota de esclarecimento" da CNBB foi divulgada pelo secretário-geral da entidade, dom Raymundo Damasceno, condenando o uso da camisinha, que favoreceria "uma vida sexual desordenada". A nota também afirma que a recomendação do preservativo como método preventivo é "falaciosa", pois sua eficácia seria de apenas 60 a 65 por cento.

Como a "carta pública" não faz a condenação explícita do uso da camisinha e a nota inicial da Pastoral da Saúde será distribuída nas paróquias a posição da cúpula da igreja é nitidamente uma manobra para evitar um choque frontal com o Vaticano. Os religiosos mais progressistas estariam liberados para adotar uma postura mais de acordo com as recomendações de praticamente todos os órgãos de saúde pública.

Mesmo assim a reação do responsável pelo esforço nacional de prevenção das DST/AIDS foi dura. "É lamentável que o único produto desses dias de encontro

tenha sido um desserviço à população brasileira", declarou o médico Paulo Roberto Teixeira, coordenador da campanha contra DST-AIDS no Ministério da Saúde, ao jornal Folha de S. Paulo. "A eficácia da camisinha é uma coisa tão conhecida hoje em dia que nem se discute mais, a não ser em recantos obscurantistas", diz o médico que mostra que o preservativo, quando usado corretamente, previne o contágio por via sexual em 95% dos casos, como provam todos os estudos internacionais.

O Ministro da Saúde, José Serra, que se declara católico, também discordou da nota da CNBB. Mesmo que fosse verdade que a camisinha só dá proteção de 60%, seu uso já seria justificado disse ele, com razão. Menos mal que a nota da cúpula da CNBB pareça ser mais uma jogada de realpolitik, que visa preservar suas relações com a alta hierarquia do Vaticano. Pelo que se sabe as várias entidades católicas empenhadas na luta anti-DST/AIDS seguirão a nota da Pastoral da Saúde e não a nota do secretário-geral dos bispos.

*"A arte da medicina consiste geralmente em distrair o paciente enquanto a natureza cuida da doença".
Voltaire.*

Para proteger a saúde da população, autoridades e médicos propõem o uso de preservativos nas relações sexuais. A hierarquia eclesiástica condena. As Igrejas têm uma moral rígida. O que está em jogo é a vida de muita gente.

Vocação para a liberdade

Marcelo Barros*

Na Bíblia, Deus educa o povo para a liberdade. "Foi para que sejamos livres que Cristo nos libertou" (Gl 5, 13).

Hoje, o corpo e o prazer são meros produtos comerciais. Cada ano, a pornografia movimenta milhões de dólares. O mercado não quer perder esse lucro, mesmo se ele vem da exploração de pessoas pobres. As Igrejas defendem a saúde e a integridade humana quando sustentam que sexo não é brincadeira e deve se integrar no conjunto da vida afetiva e emocional.

O cristianismo herdou do pensamento platônico o dualismo que divide corpo e alma, matéria e espírito, o tempo e a eternidade. Alguém era considerado santo quanto mais se desligasse dos sentidos corporais e não precisasse de comer, dormir, ou ceder a instintos sexuais. Santo Tomás de Aquino quis corrigir essa concepção negativa do corpo. Afinal, o Filho de Deus "se fez carne". Lendo a fé a partir da filosofia de Aristóteles, propôs o critério da "lei natural". O casamento é válido e santo porque segue a lei natural.

Contra a natureza seriam o homossexualismo, a limitação de filhos e a masturbação. Casar é correto. Abster-se é mais santo ainda. Católicos falam da Virgem Maria como mais santa por ser virgem. Como se quem não é virgem fosse automaticamente menos santo.

Um modo de pensar moderno contesta a noção de "lei natural". O ser humano recebeu de Deus a

missão de transformar a natureza. O que é natural? Andar com os próprios pés! Carro ou avião são contra a natureza? Uma operação cirúrgica de apêndice ou transplante é anti-natural? E transfusão de sangue?

Deus não dá ao ser humano a vocação para transcender e ir além do natural? Os moralistas falavam de uma lei natural para toda humanidade. Ela é a mesma para alguém que, em sua identidade humana, descobre-se homossexual e para quem nasce e cresce como heterossexual?

Helio Pellegrino** declarou: "Quem insiste na lei natural e pensa sexo só para gerar filhos, defende uma concepção de sexualidade humana na qual somos apenas reprodutores. A sexualidade deixa de ser humana e se reduz a uma atividade eqüina, ou bovina. Ou nos comportamos como animais, espécies nas quais o macho procura a fêmea para reproduzir ou somos pecadores.

Confunde-se sexualidade e genitalidade. Assim, se condenam à penúria sexual mulheres em menopausa e seus desconsolados cônjuges. Como psicólogos, sabemos que o prazer nos livra da loucura".

Muitos defendem: o critério ético de toda relação humana e,

portanto, da sexualidade não é a negação do corpo, nem a rejeição do prazer. Também não é só a lei natural. É a realização da pessoa, a felicidade sua e do outro.

Aquilo que, respeitando o outro, me faz ser mais gente e mais integrado em mim mesmo é bom e santo. O que me desintegra interiormente é mal. Jesus afirmou: "Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância".

Especialistas sustentam: quem proíbe camisinhas se torna cúmplice da doença e da morte. Em diversos assuntos, o papa e os bispos mudaram de posição. Não mais defendem que o homem veio de um boneco de barro, ou que os regimes monárquicos são de direito divino.

Quando escuto o papa pedindo perdão por erros do passado, peço a Deus que a cúpula da Igreja reveja seus critérios morais, para amanhã não ter de pedir perdão à humanidade por posições inflexíveis e perigosas que hoje assume.

* Monge beneditino e escritor, tem 23 livros publicados, dos quais o romance "A noite do Maracá" (Edit. UCG - Rede)

** Hélio Pellegrino, "A burrice do demônio", Ed. Rocco, 1988, p. 29.

"O mentiroso precisa ter boa memória". Quintiliano, século I aC.

Eros é o princípio da ação, da vida e do amor. As palavras, porém, sofrem de corrupção etimológica. Hoje erotismo é sinônimo de pornografia e lucros fantásticos.

A criança é um brinquedo erótico

Frei Betto*

O título acima é uma citação de Freud em sua "Contribuição à Psicologia do Amor 2", de 1912.

Recentemente a polícia italiana descobriu uma máfia de vídeos russos, negociados pela Internet, cujas imagens mostram crianças sexualmente violentadas. O acervo continha mais de 50 mil fotos. Os pedófilos pagavam de US\$ 400 a US\$ 6.000 por um vídeo ou DVD. Os produtores já tinham obtido um lucro superior a US\$ 600 milhões e sua clientela preferencial encontrava-se nos EUA, na Alemanha e na Itália.

Os "atores" eram sequestrados em orfanatos, circos e parques públicos e levados aos estúdios. Os vídeos mais baratos mostram crianças que não sabiam que estavam sendo filmadas. Os mafiosos as conduziam a uma loja de roupas e, seduzidas pelos presentes, elas experimentavam peças de vestuário em cabines focalizadas por câmaras ocultas. As gravações mais caras exibem crianças violentadas e torturadas até a morte!

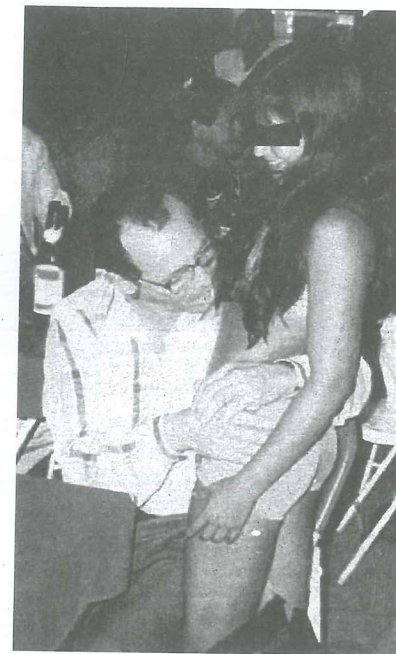
Na mesma semana em que a rede de pedófilos foi desbaratada na Itália, o senado dos EUA, interessado em deter o vandalismo nas escolas, convocou executivos de Hollywood para exigir deles um projeto para reduzir a violência nas produções cinematográficas. Relatório da Comissão Federal do Comércio acusou a indústria de entretenimento de oferecer a

crianças filmes, músicas e jogos eletrônicos recheados de violência.

O jornal "The New York Times" denunciou, em 27 de setembro, que Hollywood utiliza crianças de 9 e 10 anos para testar produções proibidas a menores de 17 anos, exceto quando acompanhados dos pais ou responsáveis. Mel Harris admitiu que a Columbia Pictures, controlada pela Sony, agiu mal ao testar o filme "O Quinto Elemento" numa platéia de adolescentes.

A Hollywood Pictures, controlada pela bucólica Disney, reconheceu que testou o filme "O Juiz", estrelado por Sylvester Stallone e vedado a menores, numa platéia de cem jovens de 13 a 16 anos. A MGM e a United Artists exibiram comerciais de filmes de terror, restritos a menores, a mais de 400 jovens com idade entre 12 e 18 anos. A Columbia Tristar contratou pesquisadores para entrevistar crianças de 9 a 11 anos, a fim de avaliar como deveria prosseguir o filme "Eu Sei o que Vocês Fizeram no Verão Passado", baseado num conto de terror que descreve assassinatos brutais. Na platéia da versão original do filme predominavam crianças de 10 anos.

Todo filme americano chega ao mercado envolvido numa poderosa campanha de marketing, que vai muito além dos frequentadores de cinemas. Segundo o relatório do Senado, de 44 filmes com classificação R (inadequado para menor de 17 anos), 80% tinham marketing



LUIS CARLOS SANTOS / AG. O GLOBO

voltado ao público jovem. Todas as 55 gravações musicais com a mesma classificação tiveram publicidade centrada em menores de 17 anos. Ainda que a criança não possa ser admitida na sala de cinema, ela poderá consumir produtos, como brinquedos e videogames, vinculados ao filme. E com certeza saciará sua curiosidade por meio de vídeo ou DVD. Ou no dia em que a TV, ignorando os princípios elementares da ética, projetar o filme sem restrições de idade. Eis a razão por que as produções cinematográficas, como as telenovelas, são submetidas a sessões-testes desde as primeiras cenas.

Freud explica. Muitos homens tendem a dissociar afeição e sensualidade. Amam a quem não desejam e desejam a quem não amam. Neles o vigor sexual só se manifesta, segundo Freud, frente ao "objeto sexual depreciado", como a prostituta ou a mulher de condição social, intelectual ou etária inferior à dele.

Isso vale para a criança como objeto do desejo ou "brinquedo erótico", pois é um ser indefeso, incapaz de oferecer resistência ao adulto que se sente impotente diante de outro adulto e, sobretudo, inseguro num mundo de mulheres emancipadas que não dissociam atração e afeto. A sociedade neoliberal, fundada na competitividade e no êxito egolátrico, favorece o desamor, pois instaura concorrência onde deveria haver solidariedade e, em se tratando de riquezas, aumenta a acumulação engendrando a exclusão. Na impossibilidade de mercantilizar o afeto, ela acena à libido.

Basta observar uma banca de revista, um programa humorístico na TV ou uma peça publicitária. Ali a mulher é reduzida a seus contornos anatômicos, tão desnuda de roupas quanto de princípios, idéias e valores. Mero objeto descartável cujo realce promove uma deseducação do olhar, de tal modo que passa a ser vista como um atraente naco de carne exposto no açougue virtual.

Essa cultura da glamourização das formas, que enriquece as academias de ginástica e os cirurgiões plásticos que se prestam aos caprichos da vaidade, deteriora as relações de alteridade. Mulheres e homens que não correspondem aos modelitos imperantes são marginalizados, condenados a purgar seus complexos no limbo dos que não merecem afeto por não terem suficientes atrativos.

Pedófilos, tarados, estupradores e assassinos de mulheres são regados pelo caldo de cultura dessa sociedade neoliberal que só reconhece os valores do mercado financeiro, pois troca o coração pelo bolso e suprime a ética em nome da estética. E o mais grave é que insistem em nos convencer de que liberdade de expressão é a TV invadir os nossos lares, intoxicando crianças com pornografia e violência.

** Frade Dominicano, escritor.
Folha de São Paulo.*

a foto



O Diário da Câmara registrou nesta foto de Benedito Passos a entrega de um volumoso dossiê, com 1238 páginas, produzido em 18 meses de trabalho intenso e corajoso pela CPI do Narcotráfico. Os rostos ainda revelam a tensão das ameaças anônimas que acompanharam o trabalho.

o fato

A CPI percorreu o Brasil, tomou 475 depoimentos em 152 sessões, para desvendar a teia sinistra do narcotráfico no nosso país. Investigou, apurou o que antes não se teve coragem de fazer. Foram acusados no relatório final 825 pessoas envolvidas no crime organizado, roubo de cargas, lavagem de dinheiro, sonegação fiscal, enriquecimento ilícito, falso testemunho, prevaricação e narcotráfico. Estão na lista dois deputados federais, quinze estaduais, um legista, empresários, diretores de bancos e policiais.

a razão

O poder do tráfico de drogas atingiu níveis insuportáveis, gerando violência quase incontrolável. Braços do narcotráfico penetraram no Congresso Nacional. Criou-se a CPI. Mas a Comissão não esperava ir tão longe. Foi criada para investigar denúncias que envolviam o ex-deputado cassado e preso, Hildebrando Pascoal, um assassino brutal e traficante confesso. Mas quando se decide ir fundo, cada fio puxado revela um novelo de linhas que se embaralham. Surgem a cada momento revelações espantosas. Descobrem-se quadrilhas de gente rica e politicamente poderosa. Confirma-se que os traficantes que se matam na disputa dos pontos de venda nas favelas das cidades são meros instrumentos dos donos do tráfico, milionários que se escondem em luxuosos apartamentos das zonas mais caras das grandes cidades. Agora, é cobrar a punição dessa gente, a maioria deles de colarinho branco. Alguns já moram atrás de grades. Mas o povo espera que os outros lhes façam companhia.

A bondade é discreta

Não é a maldade o que prevalece nas relações sociais e na vida do nosso povo. Ao contrário. Há bondade esparramada por todos os cantos. Especialmente nos espaços dos pobres.

Selma Amorim*

Para nós, são os abundantes sinais do Reino de Deus, que se vai revelando aqui na história humana, como já prometido em plenitude para depois.

Nesse tempo simbólico de chegada ao terceiro milênio, vale a pena contar algumas das coisas bonitas que temos testemunhado, especialmente na convivência com os pobres mais pobres da nossa cidade.

Nas favelas do Rio, por exemplo, a miséria desenvolve uma solidariedade que não se vê muito nas classes onde o dinheiro não é problema. As associações de moradores das favelas são quase sempre dirigidas por mulheres de tripla jornada de trabalho. Saem de casa antes do sol, pegam no batente, enfrentam condução cansativa, às vezes duas ou três para ir e outras tantas na volta. Chegam escurecendo o dia, vão

direto para a associação. Mil providências: o que não falta são carências e problemas. Lá estão elas, voluntárias, servidoras da comunidade, nem parecem cansadas, buscando soluções para tudo. Não ganham nada senão a alegria de servir, muitas vezes despercebida por trás dos bate-bocas e broncas que também não faltam. Só então vão cuidar da casa, da comida, do preparo das marmitas do dia seguinte. Coisa para deixar qualquer patricinha de língua de fora.

Um simpático senhor que apareceu na nossa vida cuida de cavalos no hipódromo das 4 às 10 da manhã. Almoça e se assume discretamente como vicentino. Todos os dias vai visitar hospitais dos pobres. Sai de casa carregado de sabonetes, aparelhos de barbear, escovas de dentes, dentífrico, revistas e outras dessas

pequenas utilidades. Passa todo o tempo recolhendo essas miudezas úteis entre vizinhos e lojas comerciais que já o conhecem há anos. O mais importante é naturalmente a visita ao doente: ele ser chamado pelo nome e sentir que não está abandonado à própria sorte. Mas só quem faz isso saberia identificar as miudezas que fazem falta para quem está largado num leito de hospital. Ele sabe.

A menina está tetraplégica num barraco de favela. Foi atingida por uma bala perdida no ano passado. Ao lado da cama sua mãe conserva uma vela acesa diante da pequena imagem de N.S. Aparecida, santa da mesma cor da sua filha. "A vela acesa é para Nossa Senhora saber que não estamos zangadas com ela nem com o filho dela".

O orfanato de crianças com deficiências e lesões cerebrais foi tomado pela prefeitura e desmontado. Agora vivem com "famílias adotadas", um bonito programa social. Felizmente. Era uma instituição particular que manejava verbas de governo. Mais de duzentas crianças. Faziam lembrar os "fantoques de Deus" retratados no romance de Morris West. Mas os exemplos de generosidade dos voluntários que tentavam atenuar aquele sofrimento era comumente. Maior ainda os gestos de companheirismo e bondade entre aquelas crianças

retorcidas, amarradas às camas, semi-vivas, algumas semi-mortas. Um dia, um bolo repartido não deu para todos. O último pedaço ficou com um menino hemiplégico que conseguia se arrastar. Então ele tomou o seu pedaço e o deu de comer na boca ao companheiro que não ganhou bolo e não tinha nem mesmo movimento nos braços. Choro geral das voluntárias. No dia seguinte, toneladas de bolos, preparados por quem não conseguiu dormir naquela noite.

O que vemos em comum na gente pobre que derrama bondade e nesses tantos que estão a seu serviço é uma fé profunda no amor de Deus, a certeza de sua presença em meio de tanta carência e sofrimento.

Os testemunhos acumulados teriam o tamanho de um livro, não de uma crônica. Mas essa amostra quer garantir ao leitor que o nosso povo é bom, a bondade está em toda parte. Menos nos jornais e na TV, naturalmente. Porque a bondade é discreta. Mas prevalece sobre a maldade.

**Ex-Presidente Latino-Americana do MFC e Diretora da Obra Social do Rio de Janeiro*

"Pessimista: alguém que se queixa do barulho quando a sorte lhe bate a porta." (Farmer's Digest).

A violência não está engatilhada apenas no tambor de um revólver. Ela o precede, engendrando economicamente o contingente de excluídos do sistema.

Saber viver, saber morrer

Frei Betto*

O tema da vida é, paradoxalmente, uma evocação da morte. Nesta árdua aventura existencial que não escolhemos e, no entanto, assumimos, vida e morte não são pólos antagônicos, mas faces de um mesmo rosto: o do sentido que imprimimos à nossa existência. Do mais íntimo do nosso ser - lá onde tateia a psicanálise - ao mais social e

público - onde balbuciam as ciências políticas - a dialética da vida e da morte é expressão de nossos anjos e demônios.

De algum modo, cada um de nós é dois. "Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero", dizia São Paulo (Romanos 7, 19). Sem regredir ao maniqueísmo e, muito menos, negar a unidade ontológica do ser humano, é um fato que a ideologia da morte impregna em nossa existência o amargo sabor do egoísmo.

Subvertem a nossa bondade intencional o Pinochet que nos habita, o Hitler que nos leva à ira, o aprendiz de ditador que se manifesta em nosso reduzido universo de poder.

Sim, como é difícil praticar, na esfera pessoal, a democracia apregoada em público! Nesse

espaço cotidiano de interrelações, toda espécie de opressão pode brotar: palavras que agridem, omissões que prejudicam, infidelidades que minam, ambições que poluem a transparência dos propósitos. Em nome da vida, semeia-se a morte alheia. Assina-se, assim, a própria sentença, pois a vida só alça vôo e transcende o próprio eu na medida em que se faz amor para os outros.

Falar da vida é erguer-se contra o sistema que estruturalmente se alimenta da morte. A agonia diária do trabalhador explorado, a morte cívica dos direitos humanos negados, a marginalização política de quem não participa da escolha de seus governantes - são sinais da necrofilia de uma ordem social.

A violência não está engatilhada apenas no tambor de um revólver. Ela o precede, engendrando economicamente o contingente de excluídos do sistema.

Nasce da decisão política de arrancar o pão da boca da coletividade, para que o valor de troca prevaleça sobre o valor de uso. Revestida de fetiche, a mercadoria entra no ritual dos lucros e exclui do templo toda a multidão de fiéis que não está revestida do manto sagrado da propriedade privada dos meios de produção ou do capital.

Mas não é só de pão que temos fome. Como diz o poeta cubano Onélio Cardoso, a fome de pão é saciável, fruto da justiça; voraz e insaciável é a fome de beleza - essa compulsiva atração que sentimos pela transcendência, a razão saturada em seus labirintos geométricos, o sabor estético que, em nosso silêncio, toma emprestado a música, a letra, a imagem, a forma e as cores, que exprimem o sentido do nosso existir.

É a sabedoria brotada da intuição que nos aponta o caminho adequado. É tão profundamente humana essa experiência de tocar o Inefável, que a fé o denomina Deus. No amor, o gesto traduz essa sede, como quem ergue o copo repleto até a borda, bebe e constata, surpreso, que a sede foi apenas aplacada, jamais saciada. Pois só a Fonte de Água Viva, à beira do poço de Jacó, liberta o ser humano das sedução do Absurdo e lhe dá a conhecer a plenitude do Absoluto. Pois Ele veio para dar a vida a todos e vida em abundância (João 10, 10).

** Frei Betto, frade dominicano e escritor, é assessor de movimentos pastorais e sociais, e autor do romance policial "Hotel Brasil" (Atica), MHP Agente Literária - Assessoria de Imprensa.*

*E-mail: mhp@imagelink.com.br
Fone/Fax: 55-21-286.9188*

"A Academia Brasileira de Letras é formada por trinta e nove membros imortais e um morto rotativo". Millôr Fernandes.

Na entrada do novo milênio, continua forte o apelo de Jesus pela unidade dos cristãos: "que todos sejam um" (Jo 17,21). Também o Papa João Paulo II disse, numa celebração em Roma: "Como o mundo poderá crer em nossa pregação, se estamos divididos?"

O diálogo entre as Igrejas e Religiões

Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ *

O próprio Jesus orou:
"Pai, eu não
peço só por estes, mas
por aqueles que
irão crer em mim: que
sejam perfeitos
na unidade, para
que o mundo creia que
Tu me enviaste"
(Jo 17,20-23).

Ouvindo estas palavras, as Igrejas cristãs celebram o Jubileu como um tempo de reconciliação: é hora de levar a sério o pedido de Jesus, para curar as feridas entre nós e restaurar a unidade. Esta unidade não é tarefa fácil.

Mas também não é só um problema da "história do cristianismo". A unidade vai além: é um Dom do Espírito Santo à Igreja. Dom que devemos cultivar, até a comunhão plena dos cristãos na única Igreja de Cristo.

Unidade: sim ou não?

Sabemos sabe que a divisão das Igrejas causa receios e até



Diálogo ecumênico: oração e resultados concretos

certa distância entre católicos, evangélicos e ortodoxos. Estaria aí nossa limitação humana? Sim... Porém isso não nos permite viver fechados e muito menos criar mais conflitos entre nós, que somos irmãos pelo batismo. Seria correto viver isolados e descuidar do Dom da unidade? Não! A divisão dos cristãos é uma ferida no coração de Cristo: impede nossa comunhão na mesma eucaristia, atrapalha a evangelização e atrasa a vinda do Reino de Deus.

Deveríamos ser mais dóceis ao Espírito, que nos chama a testemunhar "um só Senhor, uma só fé e um só batismo" (Ef 4,5).

Atualmente, 460 Igrejas participam do "diálogo ecumênico". A palavra "ecumênico" era muito usada no tempo do apóstolo Paulo: ecumêne significava a união das comunidades de um mesmo território. Daí vem ecumenismo: o diálogo, testemunho e a oração que católicos, protestantes e ortodoxos realizam juntos, em vista da Igreja Una e Santa desejada por Jesus. Veja bem: diálogo, testemunho e oração! Pois não há unidade na doutrina se não houver unidade na caridade e, antes disso, unidade de intercessão.

O diálogo ecumênico acontece através de Comissões Mistas de Estudos. A Igreja Católica

atua em diversas Comissões, com luteranos, metodistas, pentecostais, batistas, anglicanos e ortodoxos. Fazem partilhas e estudos, para aprofundar a Palavra de Deus e o ensinamento de cada Igreja.

Com a graça do Espírito Santo, este diálogo já deu frutos:

1. ***Foi cancelada a excomunhão entre católicos e ortodoxos;***

publicou-se um documento católico-evangélico sobre o batismo, eucaristia e ministérios; e o papa assinou uma profissão de fé com a Igreja Assíria, Copta e Ortodoxa, que são Igrejas da época dos apóstolos, presentes na Síria, Egito, Grécia e Turquia. Além disso, o papa João Paulo II propôs um calendário litúrgico unificado, para celebrar os mártires das outras Igrejas. (veja Encíclica Ut Unum Sint sobre o ecumenismo, 1995).

2. ***Há também gestos proféticos, quando o diálogo ecumênico é colocado a serviço da paz e da dignidade humana.***

Assim aconteceu com o papa João Paulo II e o patriarca Teotisto, da Igreja Ortodoxa da Romênia, que se uniram em oração e fizeram um apelo corajoso pela paz, durante a guerra do Kôsovo (7-9 de maio de 1999).

3. Outro fato histórico, mais recente: no dia 31 de outubro de 1999, ***a Igreja Católica e a Igreja Luterana chegaram a um acordo sobre o papel da fé e das boas obras para a salvação.*** Este assunto era

causa de conflitos há mais de 400 anos, desde o protesto de Martinho Lutero. Hoje, "o que une as duas Igrejas é mais forte que aquilo que as divide", disse o bispo luterano Christian Krause.

Teologia é indispensável. Mas com caridade e perdão vamos ainda mais longe!

Unidade não é feita só de doutrina. É feita também de perdão. Precisamos nos reconciliar, em fidelidade ao Pai-Nosso: "Perdoai-nos, ó Pai, as nossas ofensas, como nós perdoamos a quem nos ofendeu". O papa João Paulo II insiste muito no perdão quando se encontra com líderes de outras Igrejas.

Muitas vezes a falta de unidade não significa falta de teologia, mas sim falta de reconciliação. Por isso a Igreja Católica perdoa, e pede perdão pelos erros cometidos. Não podemos entrar no novo milênio disfarçando nossa responsabilidade. Devemos ser os primeiros a dar testemunho prático do Evangelho.

Judeus, budistas e muçulmanos: um passo a mais!

Outro compromisso que a Igreja reforça neste Jubileu é o diálogo com as religiões não-cristãs. Este contato tem dois objetivos:

1. Esclarecer qual é o valor das religiões não-cristãs no plano divino da salvação;
2. Promover a justiça, a paz e a ecologia, com a colaboração conjunta das religiões mundiais.

Para realizar isto, o Vaticano fundou o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso. Participam deste Conselho os cristãos, judeus, muçulmanos, budistas, hinduístas e muitos outros.

Através do diálogo com as religiões não-cristãs, a Igreja testemunha que há um único plano de salvação, oferecido por Deus a todos os povos. Não existe uma salvação para os cristãos, outra para os muçulmanos, outra ainda para os budistas, etc. Cristo é redentor de todos, como diz a Bíblia: "Não há diferença entre judeu e grego: todos tem o mesmo Senhor" (Rm 10,12).

Com esta convicção, o papa João Paulo II se reuniu com líderes de outras religiões numa jornada

pela paz, em Assis; visitou a sinagoga judaica de Roma, e promoveu uma Assembléia Mundial das Religiões, realizada recentemente no Vaticano, de 24 a 28 de outubro de 1999.

Participaram 200 representantes das diversas religiões, entre eles o Dalai Lama, líder espiritual dos budistas; o rabino Samuel Sirati, autoridade maior dos judeus na Europa, e o dirigente muçulmano Din Muhammad. A mensagem final dizia (em resumo): "Queremos edificar juntos a concórdia, a justiça e o amor mútuo, valores comuns a todas as religiões, para o bem da família humana".

Era um sinal de Deus ver homens e mulheres de credos diferentes, ao lado do papa, dizendo um "basta" às guerras religiosas e testemunhando uma fraternidade sem fronteiras! Isso é ecumenismo!

**Professor de História das Religiões e doutor na Universidade Gregoriana).*

- *Como é a relação entre as religiões em nossa cidade? Há celebrações, programas ou ações conjuntas?*
- *Vai crescendo a consciência de que o ecumenismo somente avançará a partir das bases das igrejas. Como entender essa afirmação?*
- *O que nos une, o que nos separa, como cristãos de diferentes confissões religiosas? Como conciliar essas divisões com a mensagem de João Paulo II no início do milênio, na qual enfatiza a importância do ecumenismo e do diálogo respeitoso entre as religiões?*
- *Como vemos essas divisões? Podemos fazer algo para superá-las?*

Marido aliviado: "Ainda bem que mel e açúcar não me fazem mal, senão eu já estaria em coma diabético com a sua doçura"...

Credo social para o novo milênio

Frei Carlos Josaphat, OP*

Na aurora deste novo milênio, a nossa fé na Comunhão trinitária e em nossa comunhão com Deus e com toda a humanidade tem que se afirmar de maneira bem viva e bem rente à realidade. É a hora da fidelidade criativa ao que recebemos de Cristo, pelos Santos Padres e doutores, pelos místicos e pelas místicas, que vigiaram através dos séculos, dando alma a estes dois mil anos que queremos comemorar na gratidão e na responsabilidade.

Nada de meias palavras. O novo milênio só tem sentido como comemoração da vinda e do dom de Deus, nosso Pai e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual por seu Filho entrou em nossa carne, em nossa vida e em nossa história, comunicando-nos o seu Espírito. Mais ainda. Não seria oportuno tentar desdobrar essa certeza em uns dizeres mais nossos, mais de hoje, sem esquivar o risco de proferir uma palavra provisória lembrando a Palavra que não passará jamais?

Tal é o propósito e o sentido deste Credo de caráter primordialmente social, pois ele visa destacar o caráter realista da solidariedade que decorre de nossa união com a Comunhão trinitária. Nessa profissão, sintetizamos a fé que anima nosso povo, suas comunidades, seus líderes. Hoje como ontem e mesmo mais do que ontem, nossa convicção proclama o gosto de viver e a alegria de lutar na comunhão de Deus que atiga nossa solidariedade.

Cremos

na vocação divina do ser humano à comunhão eterna no Amor e, igualmente, na sua missão histórica de edificar, sobre a terra, civilizações solidárias e justas.

Cremos

que Deus entrou como força renovadora em nossa história e em nossa vida, pois o Pai a nós se deu e tudo nos deu pelo seu Filho, Luz de Luz, e no Espírito Santo, Amor que vem do Amor e ao Amor nos conduz.

Cremos

no amor fraterno e realista, que detesta a iniquidade, combate a injustiça, rejeita os privilégios. Nem cede jamais à superstição, que vê na história o predomínio fatal dos egoísmos, a inexorável concorrência de interesses ou a miraculosa salvação oferecida pela idolatria do mercado ou pelo simples jogo da própria economia.

Cremos

Na eminente dignidade da pessoa humana, "feita à imagem e semelhança de Deus", comunhão de bondade e de amor, e no primado absoluto do bem comum, que se há de realizar pela promoção de todos os direitos para todos.

Cremos

na igualdade fundamental do homem e da mulher, das nações e dos povos, condenando qualquer exploração do homem pelo homem e esconjurando todos os modelos violentos ou disfarçados de colonização política, econômica e cultural.

Cremos

que os bens terrenos são destinados por Deus para prover à necessidade de todas as criaturas humanas; e que as formas de propriedade, tão variadas através dos tempos e das regiões, são justas e legítimas tão-somente na medida que permitam a valorização da pessoa, o desabrochar da família, o desenvolvimento do país e a solidariedade entre os povos.

Cremos

na primazia absoluta dos valores espirituais, sem desconhecer, no entanto, certa prioridade dos fatores econômicos no plano social, uma vez que as sublimes prerrogativas da liberdade, igualdade e fraternidade serão apenas palavras mortas, se não se apoiarem em uma ordem econômico-social justa.

Cremos

que o trabalho é a fonte primeira da riqueza e da prosperidade, e que o capital, sendo frutificação do trabalho, deve, mediante este, colocar-se a serviço do desenvolvimento econômico e cultural.

Cremos

na democracia representativa, como forma de governo mais consentânea com os direitos humanos e as exigências do Evangelho.

Cremos

por outro lado, que a democracia não passará de uma farsa, se seu exercício estiver nas mãos de um só partido, de uma só casta, ou sob o domínio de grupos econômicos. Sem a difusão da propriedade em sua forma pessoal, familiar ou em comunidades de trabalho, não existe povo capaz de independência e de opção, mas apenas massa volúvel, facilmente escravizada pelos ditadores individuais ou coletivos.

Cremos

que o povo é soberano não só na escolha, mas ainda na orientação permanente dos governantes; pois a autoridade vem de Deus certamente, porém através da cooperação da pessoa humana, imagem divina, inteligente e livre.

Cremos

que não há democracia, sem a formação e a informação honesta da opinião pública, esclarecendo as consciências sobre os problemas humanos fundamentais. E reconhecemos na dominação dos grupos econômicos sobre a mídia, a mais perniciosa das ditaduras. Sem a democratização econômica, particularmente dos meios de difusão, não é possível uma verdadeira democracia política.

Cremos

que a democracia política e social tem como base a procura do bem comum, como inspiração a constante promoção dos homens e das mulheres, e como resultado a ascensão de todas as camadas sociais aos benefícios do conforto e da cultura.

Cremos

que todos esses valores democráticos recebem especial confirmação e consagração, nos princípios do cristianismo; têm, no entanto, seu fundamento primeiro na própria dignidade do ser humano, criatura espiritual e privilegiada de Deus.

Cremos

que a paz é fruto da justiça, e que a justiça brota da caridade, e na caridade encontra toda a sua perfeição.

Cremos

na Trindade Santíssima, Pai, Filho e Espírito Santo, de quem a Igreja é o sacramento, histórico e comunitário, consagrada a Deus e por Deus para a reconciliação universal da humanidade.

Cremos

que o Espírito age na história e em nossos corações levando-nos pelo Cristo e com o Cristo à intimidade com o Pai e à fraternidade humana universal, estimando, respeitando e abraçando todos os homens e todas as mulheres, todos os povos, todas as raças, todas as culturas, na marcha sofrida e maravilhosa da humanidade para a comunhão da vida e a partilha da felicidade. Pois a pessoa humana viva e feliz é a plena manifestação do Senhor da vida, da história e da eternidade.

Crendo e professando hoje esta fé, unimo-nos no amor e na luta, como povo chamado à comunhão divina e empenhado na realização da solidariedade humana, agradecendo, consagrando, abençoando o novo milênio em nome do + Pai, do Filho e do Espírito Santo.

** teólogo dominicano, professor emérito da Universidade de Friburgo – Suíça, escritor, autor de 'Moral, Amor & Humor – Igreja, sexo e sistema na roda viva da discussão', Editora Record – Nova Era, Rio de Janeiro, 1997, 'Santas Doutoras, Espiritualidade e a Emancipação da Mulher', Edições Paulinas, São Paulo, 1999, entre outros. Atualmente leciona na Escola Dominicana de Teologia em São Paulo.*

" Todos os dias deveríamos ler um bom poema, ouvir uma linda canção, contemplar um belo quadro e dizer algumas bonitas palavras." (Goethe)

**Cada família do MFC vai vender ou presentear cada ano
uma assinatura de**

fato
e PAZÃO

Este é um novo compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, professor, aluno, patrão, chefe, freguês... com um cheque nominal ao MFC:

14 reais (4 números) ou 20 reais (6 números).

Livraria MFC - R. Espírito Santo 1059/714

30160-922 Belo Horizonte – MG – Tel. (0**31) 3273-8842

Precisamos organizar a esperança e fortalecer entre as pessoas as estruturas de generosidade e carinho humanos. No Brasil, acontece uma série de festivais e encontros importantes: de cinema, teatro e arte popular. Sucedem-se encontros com os mais diversos temas.

O segredo da vida e a força da ternura

Pe. Marcelo Barros, OSB *

Há poucos meses, médicos, especialistas no desenvolvimento da criança, terapeutas de casais e artistas encontraram-se pela quarta vez em Avignon (França) para um festival consagrado à ternura. Sua importância foi expressa por Boris Cyrulnik, terapeuta e etólogo: "A ternura é simplesmente vital para que a pessoa cresça sadiamente".

Consagrar um encontro ou festival à ternura pode parecer estranho em um mundo no qual valores como a solidariedade e a justiça estão sendo substituídos por vícios do individualismo exacerbado. Imaginem se as pessoas que só pensam em dinheiro e só falam em negócios aceitassem se encontrar para refletir sobre sentimentos e fazer um pacto de ternura entre si e com

as outras pessoas, especialmente aquelas com as quais convivemos. O que significa este compromisso de ternura? Trata-se de um conjunto de atitudes que dão forma à afeição: aproximar-se de quem a gente encontra, olhar a pessoa, dar-lhe um sorriso, trocar uma palavra e fazer um gesto de acolhida.

Em um livro que fez sucesso no início da década de 60, o *Pequeno Príncipe*, Saint-Exupéry dizia: "Cativar é criar laços".

Desde antes da Segunda Guerra Mundial, os psicanalistas demonstraram que as crianças privadas de afeição, primeiramente choram e protestam, depois se desesperam e, finalmente, caem na indiferença, podendo mesmo abandonar-se à morte. Desde o

nascimento, a amamentação já é um ato relacional e afetivo.

Nessa mudança de milênio, denunciam os especialistas que existem no mundo mais de cem milhões de crianças doentes por carência afetiva profunda. Como será o mundo de amanhã?

O nazismo utilizava pessoas para pesquisar um organismo perfeito e de raça pura. Hoje, quem faz isso é a ideologia de uma sociedade em que tudo se compra e se vende. São os próprios pais e mães que "preparam" geneticamente o filho ou filha que desejam. E se a criança que nasce não corresponde à fantasia dos seus "reprodutores"?

A criança que vem, nasce carente, antes de tudo, de acolhimento e amor. Durante toda a vida, necessita da ternura, como um carro precisa de combustível para funcionar.

Nas culturas ancestrais, ritos e costumes garantem o modo como a relação humana é desenvolvida. São os ritos de passagem, pelos quais os adolescentes passam a integrar o mundo adulto. Para a maioria das civilizações, esses ritos

são, ao mesmo tempo, sociais e religiosos. A religião judaica cerca a pessoa de ternura e, durante toda a vida, lhe revela o carinho divino. No Talmud, livro sagrado judaico, está escrito: "O ser humano nasce com as mãos fechadas, mas agoniza com as mãos abertas, porque, ao entrar no mundo, deseja agarrar tudo, mas ao deixá-lo não leva nada consigo". Buda reduzia a sabedoria de viver a oito virtudes que se resumem a uma: a compaixão. Jesus falou do amor. "Deus é amor. Quem vive o amor, está com Deus e Deus está com a pessoa". (1 Jo 4, 16)

O mundo moderno destruiu os ritos. Agora, cada pessoa é entregue à sua própria sorte. O desejo é uma energia. A cultura precisa lhe fornecer a forma. Esta forma é a ternura. Na sua vida pessoal e em torno de você, refaça a terapia e o festival da ternura.

** Monge beneditino e escritor, tem 23 livros publicados, dos quais o mais recente é o romance indigenista "A noite do maracá" (Ed Rede - UCG).*

*Fax: (0**62) 372 1135.*

Email: mostanun@cultura.com.br

- *A ternura está sempre presente nas relações dos casais, dos pais com os filhos, nas relações familiares?*
- *"Hay que ser duro, pero sin perder la ternura jamás", foi a frase que mais marcou a imagem do guerrilheiro Che Guevara. Concordamos? Como aplicar esse pensamento nas lutas da vida? É válido aplicá-lo?*

Frase ferina, mas... "Nessa Copa, a nossa seleção é uma seleção sem vícios: não fuma, não bebe, não joga"...

José Simão.

Você acredita em coincidências?

*Abraham Lincoln foi eleito para o Congresso em 1846.
John F. Kennedy foi eleito para o Congresso em 1946.*

*Abraham Lincoln foi eleito presidente em 1860.
John F. Kennedy foi eleito presidente em 1960.*

*Os nomes Lincoln e Kennedy têm sete letras.
Ambos estavam comprometidos na defesa dos direitos civis.
As esposas de ambos perderam filhos enquanto viviam na Casa Branca.*

Ambos os presidentes foram baleados numa sexta-feira.

*A secretaria de Lincoln se chamava Kennedy.
A secretaria de Kennedy se chamava Lincoln.*

*Ambos os presidentes foram assassinados por sulistas.
Ambos os presidentes foram sucedidos por sulistas.*

*Ambos os sucessores se chamavam Johnson.
Andrew Johnson, que sucedeu a Lincoln, nasceu em 1808.
Lyndon Johnson, que sucedeu a Kennedy, nasceu em 1908.*

*John Wilkes Booth, que assassinou Lincoln, nasceu em 1839.
Lee Harvey Oswald, que assassinou Kennedy, nasceu em 1939.*

*Ambos os assassinos eram conhecidos pelo seus três nomes.
Os nomes de ambos os assassinos tem quinze letras.
Booth saiu correndo de um teatro e foi apanhado num depósito.*

Oswald saiu correndo de um depósito e foi apanhado num teatro.

Booth e Oswald foram assassinados antes de seu julgamento.

Uma semana antes de Lincoln ser morto ele estava em Monroe, Maryland.

Uma semana antes de Kennedy ser morto ele estava com Monroe, Marilyn.

*Lincoln foi morto na sala Ford, do teatro Kennedy...
Kennedy foi morto num carro Ford, modelo... Lincoln*

A Carta de São Paulo aos coríntios nos lembra duas realidades super importantes que muitas vezes esquecemos: temos dons diferentes, qualidades diferentes, somos, afinal, cada um, uma pessoa única, diferente.

Somos complementares

Pe. Lambert*

Embora toda pessoa seja igual em valor, em dignidade, porque cada pessoa é filha do mesmo Deus, cada pessoa é um ser único em sua maneira de ser, de sentir, de vivenciar, de participar, de conviver.

Por isso, seria uma agressão violenta e desumana querer uniformizar as pessoas, querer que o outro seja idêntico a nós, que se sinta como nós.

Teoricamente sabemos que o outro é diferente, mas, na prática, sempre esquecemos isso. Agredimos o outro pelo simples fato de ser outro, de pensar de modo diferente de nós, de sentir

diferentemente aquilo que nós sentimos.

Todo fanático é um inseguro, que recusa ao outro o direito de ser diferente, de ter outras idéias e opiniões, porque o fanático acha que o ser diferente do outro significa uma ameaça para ele, tira-o de sua segurança.

Assim, o homem pensa que a mulher deveria pensar como ele, o adulto exige que o jovem concorde com ele, o poderoso exige que todos concordem com sua opinião.

E cada vez que alguém quer ter o direito de ser diferente, é esmagado, oprimido, enquadrado, colocado na linha, enquanto que o certo seria a gente conviver, saber aceitar e valorizar "o diferente", como riqueza, como enriquecimento da visão limitada da gente.

Outro erro que cometemos muito, é esquecer que somos pessoas limitadas, que temos

"finitude", que não temos tudo, nem sabemos tudo, eternamente. Que precisamos uns dos outros, que somos complementares. Nenhum de nós pode dispensar o outro ou desprezá-lo. O lixeiro precisa do médico, o médico do lixeiro.

Somos complementares e, por isso, somos solidários. Ninguém pode se isolar como se fosse uma ilha e a pessoa que pensa só em si, acaba se excluindo e perde uma dimensão importantíssima do seu ser, a única capaz de dar verdadeiro sentido à vida humana.

Essas duas verdades que São Paulo nos lembra e que nós esquecemos tantas vezes, estragam a convivência, fazem da vida humana um inferno de opressão e desprezo, enquanto que a observância das mesmas verdades permitiriam uma vida muito mais digna e feliz. Mas só a gente adulta, madura e consciente é capaz de acolher o outro, diferente, sem oprimir nem manipular.

** Assistente do MFC - Ouro Branco - MG*

- ❑ *Essa complementaridade é mesmo percebida e vivida no nosso dia-a-dia? No casamento, na família, na vida social?*
- ❑ *As pessoas, em geral, são capazes de aceitar as diferenças nas outras?*
- ❑ *Entendemos as diferenças como entrave ou riqueza para o relacionamento humano?*
- ❑ *Quais as condições para aceitar o outro como ele é, e não como gostaríamos que fosse?*

O que está acontecendo? No último ano do milênio, Oviedo, general golpista paraguaio preso no Brasil, ordens de prisão para banqueiros "socorridos" pelo PROER, condenados a devolver o nosso dinheiro, outras condenações para os ex-dirigentes do Banco Central pela jogada do câmbio, Cacciola preso e foragido na Itália, ex-deputado José Alves, principal figura dos "anões do orçamento" (quem se lembra?) condenado a devolver os nossos milhões que disse ter ganho nas loterias, matador e mandante das mortes de Corumbiara condenados e presos, Rosana Collor e Zélia Cardoso condenadas a mais de dez anos de prisão cada uma, recorrendo da sentença, Naya condenada, prisão do juiz Nicolau e dos seus sócios-construtores no golpe milionário do TRT-SP, o sócio-deputado Luiz Estêvão cassado e mergulhado em processos, preso mas libertado por enquanto por caros advogados, preso o empresário do crime organizado e roubo de cargas... Ainda não é tudo que se quer mas uma coisa é possível prever: com o dinheiro recuperado e essa qualidade de prisioneiros vai melhorar certamente a qualidade das prisões...

A alma

Catecismo Eletrônico de Partenia

O que é a alma? Aí está uma pergunta do catecismo. A resposta procura distinguir, no ser humano, uma parte espiritual criada por Deus, a alma, e uma parte material que nos vem dos nossos pais, o corpo. A consciência que ele tem de si mesmo, o pensamento, a vontade que ele exercita, a liberdade que põe em ação, os sentimentos que experimenta, tudo isso é de uma ordem diferente dos órgãos e das funções do corpo.

Compreende-se que os filósofos da antiguidade tenham insistido nesta dualidade do ser humano que, por sua vez, impregnou o cristianismo. Nesta perspectiva, a alma espiritual é pura e o corpo impuro; a alma é a sede das virtudes mais elevadas como a vontade de se dirigir livremente para o bem : deve, pois, governar o corpo e não se deixar escravizar por ele já que aquela é tida como boa e este como mau. É a alma que torna o homem semelhante a Deus e, por isso, é imortal enquanto o corpo é mortal, sendo a morte provocada pela separação dos dois.

Esta linguagem já não corresponde à nossa maneira de pensar e à nossa experiência. Sabemos que há pessoas que perderam as suas faculdades humanas de inteligência e de memória sem, com isso, terem perdido a vida. A existência dos animais questiona-nos. O que é que provoca a sua morte? Terão, então, alma? A sua consciência e a sua aptidão para comunicar também nos são desconhecidas. Onde começa o que é próprio do homem?

Também na Bíblia a noção de alma não é nítida. Ela utiliza palavras diferentes para designar este princípio imaterial : a vida, o coração, o sopro... Uma coisa é certa : não há oposição entre a alma e o corpo; pelo contrário, há unidade da pessoa.

Será preciso ir mais longe e perguntar se a questão da alma é uma questão com sentido? De fato, a pessoa é o seu corpo. Ela não existe sem as células nervosas que lhe permitem pensar. Não existe sem a memória que lhe permite reconhecer os outros e, assim, saber quem é. O corpo não é um instrumento ao serviço de um espírito que pensa. Também não é o invólucro da alma. Ele é capacidade de comunicar, de se ligar aos outros, capacidade de amar. Sem esta capacidade, a pessoa não existe. É outra a lógica da existência humana diferente da lógica da criação de um ser acabado, vindo não se sabe donde. É a lógica de um processo no decurso do qual a pessoa se torna ela mesma; pelos seus laços com

os outros e com o mundo, a sua identidade vai-se construindo.

A fé cristã não está em contradição com esta visão do ser humano. Ela diz-nos que o próprio Deus incarnou. Fez-se carne, quer dizer, teve um rosto humano e um corpo de homem em Jesus Cristo. É esse corpo que Deus ressuscita depois da morte de Jesus, na cruz. Como penhor da nossa própria ressurreição.

Acreditamos, dizem os cristãos no Credo, na ressurreição da carne. A questão do modo permanece, mas a esperança cristã é a de uma ressurreição da pessoa toda, na sua plenitude.

Genéricos são mais baratos.

O Ministério da Saúde marcou um gol de classe contra o poderoso lobby dos laboratórios farmacêuticos. Farmácias serão multadas se não afixarem a relação de genéricos já aprovados.

Peça ao seu médico para receitar remédios pelo nome genérico, não pela marca de laboratório. O farmacêutico também sabe substituir o remédio receitado pelo genérico correspondente.

A composição é a mesma mas são bem mais baratos. Preferir o genérico é o mesmo que comprar um ótimo tênis sem marca famosa em vez de pagar uma fortuna por outro igual só pela etiqueta Nike.

CHARLIE Chaplin

***"Pensamos demasiadamente e sentimos muito pouco...
Necessitamos mais de humildade que de máquinas.
Mais de bondade e ternura, que de inteligência. Sem isso, a vida se tornará violenta e tudo se perderá". "Não sois máquinas! Homens é o que sois!"***

"Faço parte do mundo - e no entanto ele me deixa perplexo."

"Se o que você está fazendo for engraçado, não há necessidade de ser engraçado para fazê-lo."

"O homem é um animal com instintos primários de sobrevivência. Por isso, seu engenho desenvolveu-se primeiro e a alma depois, e o progresso da ciência está bem mais adiantado que seu comportamento ético."

"Eu continuo a ser uma coisa só: um palhaço, o que me coloca em nível mais alto do que o de qualquer político."



"Estou sempre alegre - essa é a melhor maneira de resolver os problemas da vida. Tenho a impressão de que os homens estão perdendo o dom de rir."

"Nosso cérebro é o melhor brinquedo já criado: nele se encontram todos os segredos, inclusive o da felicidade."

"A vida é maravilhosa se você não tem medo dela."

fato
e razão

Os editores esperam sua avaliação, sugestões e comentários. Escreva. Para que a sua revista fique cada vez mais a seu gosto.

A unidade como caminho para enfrentar os projetos de morte

(Jo 15,1-17)

Fiquem unidos

Pedro Lima Vasconcellos* e Rafael Rodrigues da Silva**

Vamos fazer uma pesquisa bíblica e refletir sobre o significado da unidade para a caminhada das comunidades, mas sobretudo pensar a unidade na luta contra os projetos de morte do neo-capitalismo. Procurem ler os textos bíblicos indicados.

Numa leitura atenta de João 15 iremos encontrar um conjunto de imagens vindas do mundo rural e que se apresentam carregadas de sentido e significado para a caminhada, organização e enfrentamento dos problemas e conflitos presentes na vida da comunidade. Olhando para o conjunto de Jo 15-17 veremos que a alegoria da videira (15,1-8) se desdobra num discurso de Jesus e numa oração (15,9-16,33 e 17,1-26). Eles focalizam o apelo de unidade, a fidelidade e a prática do amor, a proposta de permanecerem firmes, os conflitos com o mundo e o crer.

A alegoria da videira em Jo 15 evoca as inúmeras passagens na tradição de Israel (profética e sapiencial) que comparam o povo com a videira (veja: Sl 80,9-16; Is 5,1-7; Jr 2,21; Ez 15,1-8; 17,5-10; 19, 10-14 e Os 10,1) destacando a incredulidade e abandono do projeto de Deus por parte do povo. Jo 15 deixa transparecer que a comunidade joanina conhecia muito bem a vida no campo (roça) e as técnicas e a arte para fazer a videira produzir. Encontramos na alegoria a linguagem própria do mundo camponês: a produção da uva (15,1.4s). Alguns verbos ilustram a atividade do agricultor (15,1): produzir (15,2.4s.8.16), cortar (15,2), podar (15,2) para a maior produção de fruto (15,2.4s.8.16). O que não produz é lançado fora, seca, é ajuntado e queimado (15,6). O agricultor naqueles tempos tinha que dominar com arte e técnica a produção por

causa do grande peso da opressão econômica imposta pelos romanos.

Enfim, é a partir do cotidiano de luta, suor em meio ao processo de produção e da memória das antigas tradições proféticas e sapienciais que a comunidade joanina procura refletir os problemas e conflitos ao redor da unidade, da perseguição, da exploração, do discipulado e, principalmente, a reprodução na comunidade da lógica imperial na relação escravo x senhor (15,15.20).

Uma das questões a aparecer na alegoria é o apelo à unidade: fiquem unidos a mim e quem ficar unido a mim dará frutos. A temática da unidade faz a grande costura dos capítulos 15-17 do evangelho. A comunidade deve buscar a unidade para enfrentar o "mundo" que estava quebrando a vida de muitas comunidades.

Diante desta organização política e econômica avassaladora é que o evangelho convoca a comunidade para a unidade. A alegoria da videira apresenta dois pontos fundamentais para a unidade: estar limpo e estar unido à videira para produzir frutos. Que frutos a comunidade deve produzir?

A missão das comunidades é superar gradativamente a relação "servo" x "senhor" (base de toda a organização sócio-econômica do império) com um novo critério que é o amor: este é o conteúdo de Jo 15,9-17. Na igualdade e no amor as comunidades devem caminhar e devem se basear as novas relações sociais. Por certo, por causa destas

novas bases é que as comunidades serão perseguidas. Assim a comunidade para produzir bons frutos deve viver o mandamento novo e dar testemunho de Jesus ao mundo. Amor que proporcionará a verdadeira alegria (15,11; 16,22; 17,13) e a verdadeira paz (14,27).

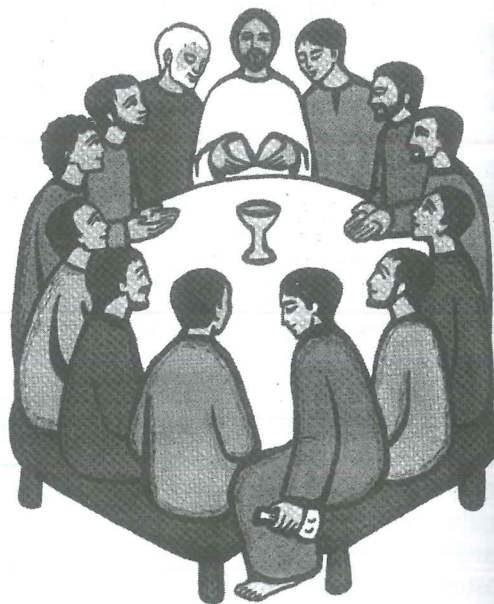
A comunidade joanina é convocada a buscar a unidade que tem como base a aliança com Deus que é estabelecida desde as tradições proféticas pelas relações de solidariedade. Agora a comunidade, conforme os v.9-17, tem como critério a prática do amor que exprime um sentimento coletivo que sai das entranhas e que é capaz de gerar novas relações humanas, libertar das amarras da opressão e quebrar a lógica de dominação e submissão.

Este apelo à união reaparece no capítulo 17. Ali temos um discurso que gira em torno da união. Unidade que acontece ao redor do nome e que acontece por meio da palavra. No nome de Deus a comunidade se fundamenta e alimenta a sua espiritualidade. É a fé no Deus, que é Pai Santo, que fortifica e leva a comunidade à união: "Pai santo, guarda-os em teu nome, o nome que tu me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos um..." (17,11). Pela palavra a comunidade é desafiada a ser geradora de vida e edificadora da comunidade e da unidade. Pela palavra a comunidade deve superar a intolerância e aceitar outros grupos e comunidades. Pela palavra a comunidade deve testemunhar: "Eu

não te peço só por estes, mas também por aqueles que vão acreditar em mim por causa da palavra deles, para que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste..." (17,20-21).

Como vimos, a comunidade é convocada em nome de Deus, pela força da palavra-testemunho, pela prática da solidariedade e pela construção das novas relações sociais e econômicas a viver a unidade. Fiquem unidos a mim!

Fiquem unidos para manifestar a glória do Pai! Produzam frutos e se tornem discípulos...



* Doutorando em Ciências Sociais, assessor do CEBI-SP, professor da PUC-SP e do Instituto do Sagrado Coração

** Mestre em Ciências da Religião, assessor do CEBI-SP, professor da PUC-SP, e do Instituto Teológico Pio XI, Instituto do Sagrado Coração e ITESP

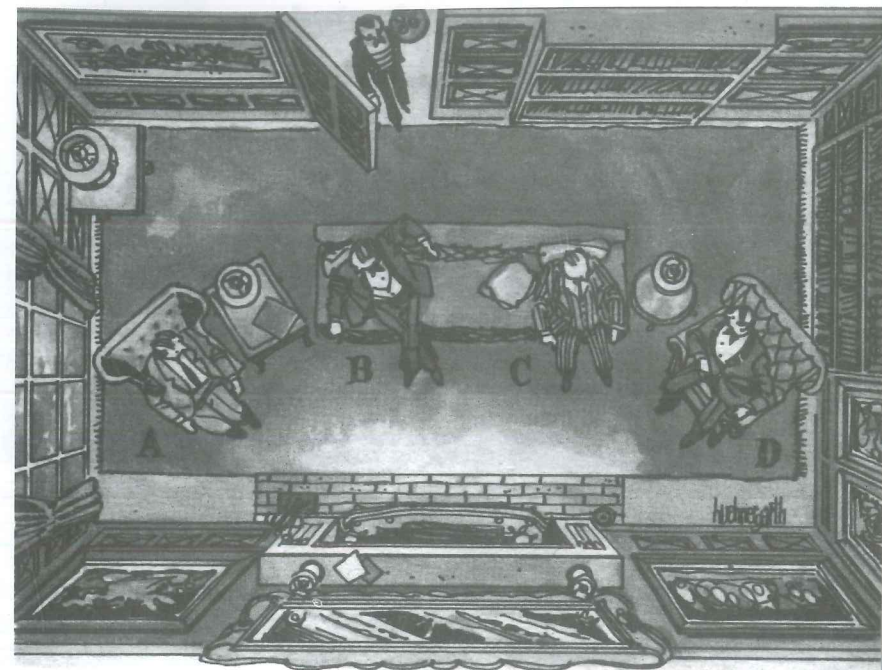
"Vidas, sim, drogas, não."

Foi inspirada, mais uma vez, a escolha do tema da Campanha da Fraternidade deste ano. A droga é um flagelo da humanidade, que afeta gravemente as pessoas e famílias.

Do álcool, tolerado, ao "crack" e cocaína proibidos, todas as drogas desagregam personalidades, geram crimes, desfazem famílias, causam acidentes de trânsito, sempre com vítimas e mortes, exigem enormes gastos de dinheiro público para tratamento de dependentes e alimentam uma perigosa rede criminosa que disputa a tiros os pontos de venda de drogas e mata sem dó nem piedade.

Uma grande mobilização da sociedade já está sendo promovida, e deve continuar pelos anos seguintes, para reduzir o tamanho desse flagelo.

UMA CHARADA PARA DETETIVES



Quem é o assassino?

Um morto foi encontrado no salão do clube com sua bebida envenenada. Eis como aconteceu o crime:

Quatro homens sentados num sofá e duas poltronas de frente para uma lareira (como na ilustração acima) conversam. Seus nomes: Hugo, Samuel, Jorge e Wilson. Suas profissões, não na mesma ordem, são as seguintes: um general, um professor, um almirante e um médico.

- O garçom serve um uísque a Jorge e uma cerveja a Samuel.
- No espelho acima da lareira, o general vê a porta fechar-se quando o garçom sai. Vira-se para falar com Wilson a seu lado.
- Nem Hugo nem Samuel têm irmãos.
- O professor é abstinente.
- Hugo, sentado numa das poltronas, é cunhado do almirante. O professor está perto de Hugo, à esquerda de Hugo.

De repente alguém deixa cair algo no uísque de Jorge. É o assassino. Ninguém se levantou e não há mais ninguém ali.

Qual é a profissão de cada homem? Onde estão sentados? Quem é o assassino?

(Dilys Winn, Reader's Digest)

(Solução no próximo número)

Os primeiros cristãos, sobretudo Lucas, conservaram uma imagem de Jesus orante, que vivia em contato permanente com o Pai. De fato, a aspiração da vida de Jesus era fazer a vontade do Pai

(Jo 5, 19).

Ensina-nos a rezar

Frei Carlos Mesters*

Jesus rezava muito e insistia, para que o povo e seus discípulos também rezassem. Pois é no confronto com Deus que a verdade aparece e que a pessoa se encontra consigo mesma em toda a sua realidade e humildade. É o ponto de chegada do processo de educação.

Jesus ensina que devemos rezar e pedir com insistência. Ele usou uma comparação tirada da vida e disse ao povo: "Imagine o seguinte: de noite, um amigo chega a sua casa, mas você não

tem nada para oferecer. Aí, você bate na porta do vizinho para pedir ajuda, este já está deitado e não tem vontade de se levantar. Eu garanto que ele acabará dando o que você pede, porque quer ver-se livre da importunação!" (Lc 11, 5-8). Se não fosse de Jesus, a gente não teria coragem de inventar uma comparação, ao mesmo tempo, tão humana e tão provocadora para nos falar de Deus!

Jesus não deixa dúvida. Nenhum pai dá uma cobra quando seu filho pede um peixe, nem dá um escorpião quando seu filho pede um ovo. E ele conclui: "se até vocês, que são maus, sabem dar coisas boas a seus filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo a quem o pedir!". É o Espírito Santo que cria e recria em nós a vida de Jesus e a capacidade de imitá-lo. Eis alguns dos momentos em que Lucas nos apresenta Jesus rezando:

Aos doze anos de idade, ele está no Templo, na Casa do Pai (Lc 2, 46-50). Na hora de ser batizado e assumir a missão, ele reza (Lc 3, 21).

Na hora de iniciar a missão, passa quarenta dias no deserto (Lc 4, 1-2). Na hora da tentação, ele enfrenta o diabo com textos da Escritura (Lc 4, 3-12).

Jesus tem o costume de participar das celebrações nas Sinagogas aos sábados (Lc 4, 16).

Procura a solidão no deserto para rezar (Lc 5, 16; 9, 18).

Na hora de escolher os doze apóstolos, passa a noite em oração (Lc 6, 12). Reza antes da refeições (Lc 9, 16; 24, 30).

Na hora de fazer levantamento da realidade e de falar da sua paixão, ele reza (Lc 9, 18). Na hora da crise sobe o Monte para rezar e é transfigurado enquanto reza (Lc 9, 28).

Diante de revelação do evangelho aos pequenos, reza: "Pai eu te agradeço!" (Lc 10, 21).

Rezando, desperta nos apóstolos a vontade de rezar (Lc 11, 1). Rezou por Pedro para ele não desfalecer na fé (Lc 22, 32).

Celebra a Ceia Pascal com seus discípulos (Lc 2, 7-14).



No Horto das Oliveiras ele reza, mesmo suando sangue (Lc 22, 41-42). Na angústia da agonia pede aos amigos para rezar com Ele (Lc 22, 40-46).

Na hora de ser pregado na cruz, pede perdão pelos carrascos (Lc 23, 34). Na hora da morte: "Em tuas mãos entrego o meu espírito!" (Lc 23, 46; Sl 31, 6).

A vida de Jesus era uma oração permanente: "Eu a cada momento faço o que meu Pai me mostra para fazer!" (Jo 5, 19, 30). A ele se aplica o que diz o salmo: "Eu sou oração!" (Sl 109, 4).

* Frade carmelita, escritor.

Dê adeus ao nervosismo, à ansiedade e ao cansaço. Coloque em sua dieta alimentos que têm o poder de estimular o funcionamento do sistema nervoso, acabar com a irritação e espantar a tristeza.

Alimentos para combater o mau humor

ALFACE:

Ótima para amenizar a irritação. O talo tem lactucina, substância que funciona como calmante. Além disso, é rica em fosfato. A falta desse elemento no organismo, causa depressão, confusão mental e cansaço.

LARANJA:

Rica em vitamina C, cálcio e vitaminas do complexo B, a laranja ajuda o sistema nervoso a trabalhar adequadamente. O cálcio, presente em sua composição, é relaxante muscular e combate o estresse. E essa fruta ainda é energética, hidratante e previne a fadiga.

FRUTOS DO MAR:

Quer dar um chega prá lá na tristeza? Abuse das delícias que vêm do mar. Elas têm zinco e selênio que agem no cérebro, diminuindo o cansaço e a ansiedade. Também são boas fontes de proteína e gordura saudável (Omega 3), essencial para o bom funcionamento do coração.

MEL:

Estimula a produção de serotonina, neurotransmissor responsável pela sensação de prazer e bem-estar.

ESPINAFRE:

A verdura contém potássio e ácido fólico, que previnem a depressão.

Além disso, espinafre tem magnésio, fosfato e vitaminas A, C e do complexo B, que ajudam a estabilizar a pressão e garantem o bom funcionamento do sistema nervoso.

BANANA:

Pode acreditar, essa fruta, tão comum em terras brasileiras, diminui a ansiedade e ajuda a garantir um sono tranquilo. Ela tem esses poderes por ser rica em carboidratos, potássio, magnésio e biotina. A banana também dá o maior pique porque possui vitamina B6, que produz energia.

JABUTICABA:

Essa frutinha contém ferro - que combate a anemia - e vitamina C, que aumenta as defesas do organismo. Suas vitaminas do complexo B agem como antidepressivos. Além disso, a jabuticaba é rica em carboidratos, que fornecem energia e, por isso, reanimam.

OVOS:

Os nutrientes dos ovos que garantem o bom humor são a tiamina e a niacina (vitaminas do complexo B), ácido fólico e acetilcolina. A carência deles pode causar apatia, ansiedade e até perda de memória.

UVA:

Essa fruta tem boa dose de vitaminas do complexo B, que ajudam no funcionamento do sistema nervoso. A vitamina C e os flavonoides da uva são antioxidantes, que retardam o envelhecimento da pele e ajudam a combater o colesterol. Além disso, é energética.

... E LIVRE-SE DO CIGARRO E DO COPO:

Esses venenos vão se infiltrando traiçoeiramente. O adolescente experimenta, o jovem diz que "fuma mas não traga", para não se viciar. Em pouco tempo está viciado, prejudicando a saúde e reduzindo a sua expectativa de vida. Outros afirmam que só bebem "socialmente". Muitos ficam só nesse bebericar nos fins de semana. Outros, sem perceber, vão-se deixando dominar pelo costume que vira vício, com trágicas consequências físicas e sociais.



MFC

Identidade e Carisma

Texto para reflexão

*Conheça melhor o Movimento Familiar Cristão.
Se gostar, junte-se às suas milhares de famílias.*

1. Movimento.

Não é uma organização na qual se entra como sócio e se elege quem deva conduzi-la em benefício de todos. Não é como outras associações religiosas ou profissionais, clubes ou entidades de serviços sociais, certamente válidas e úteis. Movimento é outra coisa. Um Movimento congrega pessoas que **participam ativamente** das atividades que nele se desenvolvem.

2. Movimento de Leigos.

Não é um movimento de sacerdotes e religiosos. No MFC, eles são convidados pelos leigos e participam ativamente do MFC como assessores e conselheiros muito importantes. O MFC congrega leigos (laicos) cristãos, vivendo sua realidade familiar e social, imersos nas estruturas da sociedade, mas comprometidos com o projeto de Deus, anunciando

o Reino e denunciando o que a ele se opõe. Numa visão moderna de Igreja, expressa no documento de Santo Domingo, os leigos devem **assumir o protagonismo da ação da Igreja no mundo**. A Igreja deixou de se entender como um **lugar** onde se abrigam os vão se salvar e passou a entender-se como **missão no mundo**. E nessa concepção, são os leigos que desempenham a função principal por sua presença viva e transformadora no mundo onde essa missão da Igreja deve ser realizada.

3. Movimento de Igreja.

Como cristãos, somos Igreja, Povo de Deus. Uma parcela do Povo de Deus. Em comunhão respeitosa e afetuosa com a hierarquia da Igreja, mas não subordinada a ela. Laicos adultos que aprendem a caminhar com as próprias pernas, a pensar com a própria cabeça, não irresponsavelmente, mas estudando, refletindo em seus

grupos, analisando criticamente todas as situações e conjunturas sociais e eclesiais para tomar posições autônomas e assumir as responsabilidades correspondentes. Costumamos exprimir essa característica do MFC dizendo que é um movimento **de** Igreja e não **da** Igreja. Assim, o MFC pode assumir posições críticas em relação à própria hierarquia, colaborando, assim, para um diálogo construtivo indispensável na vida da Igreja. Muitas correções de rumo na caminhada da Igreja se devem às posições críticas assumidas por leigos.

4. Movimento Cristão.

Seus membros são cristãos. Isto significa que assumiram o seguimento de Jesus. Esta é a espiritualidade do MFC, vivida coletivamente e através de cada pessoa ou família: fazer o que Jesus faria hoje, conhecendo o que fez frente à realidade do seu tempo. Isto implica em estudar, refletir, aprender a transpor para o hoje, o que Jesus viveu, disse e praticou na Palestina há 2000 anos. Por isso, foi esse o tema escolhido para o XIV Encontro Nacional do MFC e trabalhado nas suas bases nos muitos meses de sua preparação. Embora tenha nascido no seio da Igreja católica, **o MFC é cristão, aberto ecumenicamente à participação de todos os cristãos**, das diferentes confissões religiosas, e mesmo de não-cristãos

que perseguem objetivos convergentes com o projeto de Deus.

5. Movimento Familiar.

A família é o núcleo social que é normalmente convidado e se integra ao MFC. Esta é uma das características da identidade do MFC. Não é uma característica absoluta e excludente. É evidente que pessoas sós, que por qualquer motivo perderam os laços familiares, ou pessoas que não logram a adesão da própria família, se integram vivamente ao MFC. Mas, desde a sua origem, a problemática das famílias tem um espaço privilegiado nas reflexões e nos serviços oferecidos pelo MFC. De certa forma, **o MFC se tornou um especialista em família**, em problemas que as afetam e na prática de variadas formas de apoio às famílias. O risco sempre apontado seria o chamado "familismo" ou "conjugalismo". Seria limitar o MFC à busca de soluções para os problemas das famílias que o integram, desligado da análise crítica das suas causas, geralmente situadas no ambiente social em que vivem todas as famílias. Esse risco tem sido superado pela crescente inserção dos membros do MFC nas estruturas sociais e políticas que buscam transformações profundas no modelo de sociedade geradoras dos problemas que afetam as famílias.

6. Movimento aberto a todas as famílias.

O MFC não discrimina famílias ou casais, segundo a sua situação jurídica civil ou religiosa. Todas as famílias ou casais que se integram ao MFC se reconhecem como famílias imperfeitas, incompletas. Seja por falhas na vivência do amor conjugal, no relacionamento humanizador entre seus membros, nas omissões em seus compromissos cristãos e por tantas outras imperfeições. A falta do vínculo jurídico ou do casamento religioso do casal, qualquer que seja o motivo, é uma das muitas incompletudes comuns a muitas famílias. O MFC, há quase 30 anos, anunciou profeticamente sua decisão de **não discriminar famílias** por determinados tipos de incompletudes ou imperfeições. É um dos poucos movimentos familiares de Igreja aberto a todos os tipos de famílias que vivem algum tipo de realidade familiar e de pessoas sós que por algum motivo perderam os laços de família.

7. Movimento de Comunidades Cristãs.

O MFC surgiu há 50 anos como um **movimento gerador de pequenas comunidades cristãs**. Muito antes, portanto, das CEBs. Já existiam então as Equipes de Notre Dame (Equipes de Nossa Senhora)

que também se formaram com esse espírito. Na época, eram movimentos inovadores e continuam sendo. **Seu processo de formação que leva à ação de desenvolve nos seus pequenos grupos de base ou equipes**, com encontros ou reuniões freqüentes, nos quais se vão criando laços afetivos e de cooperação e solidariedade entre pessoas, casais e famílias. Essas pequenas células ou comunidades realizam um projeto de vida comunitária muito participativa e rica que não se encontra nos movimentos de massa. Hoje a Igreja reconhece que esse retorno ao modelo de cristianismo dos primeiros séculos é o caminho novo desejado. O documento de Santo Domingo afirma que as próprias paróquias devem se tornar (grandes) comunidades de (pequenas) comunidades cristãs. **Uma das expressões desse espírito comunitário tem sido a prática da hospitalidade.** Nos eventos do MFC, os que chegam de fora se hospedam nas casas das famílias da cidade, gerando sempre novas e verdadeiras amizades.

SOLICITE À LIVRARIA DO MFC OS
NÚMEROS JÁ PUBLICADOS DE

fato
razão

A COLEÇÃO DE PUBLICAÇÕES DE
FORMAÇÃO DO MFC PARA A
CONSCIENTIZAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO
DAS FAMÍLIAS. FAÇA UMA ASSINATURA
HOJE MESMO.

Leia e assine



Dê de presente uma assinatura a seus filhos, parentes e amigos.

Coleção de publicações do Movimento Familiar Cristão para evangelização, formação e conscientização das famílias.

Escreva hoje mesmo. Basta enviar o nome e endereço completo dos assinantes com o cheque nominal ao MFC.

Assinaturas:

OURO - 6 números: 20 reais

PRATA - 4 números: 14 reais

Livraria do MFC

Rua Espírito Santo, 1059 / 714

CEP 30160-922 Belo Horizonte - MG

Tel. (0**31) 273-8842